

FERNANDO CALDEIRA



bibRIA
MOCIDADES
(2.ª EDIÇÃO)

J. ANTONIO RODRIGUES & C.ª

EDITORES

1903

"A EDITORA"

IMPROMPTU

bibRIA

QU'EST-CE QUE LA POÉSIE ?

De A. de Musset

bibRIA

*Chasser tout souvenir et fixer la pensée,
Sur un bel axe d'or la tenir balancée,
Incertaine, inquiète, immobile pourtant;
Éterniser, peut-être un rêve d'un instant;
Aimer le vrai, le beau, chercher leur harmonie;
Écouter dans son cœur l'écho de son génie;
Chanter, rire, pleurer, seul, sans but, au hasard;
D'un sourire, d'un mot, d'un soupir, d'un regard;
Faire un travail exquis, plein de crainte et de charme
Faire une perle d'une larme...
Du poète ici-bas voilà la passion,
Voilà son bien, sa vie et son ambition.*

O QUE É A POESIA?

Tradução bibRIA

*Deitar sobre o passado um véo d'esquecimento,
Fixar n'um eixo d'oiro a inquieta phantasia
Indecisa, fluctuante, immovel todavia;
Eternizar, talvez o sonho d'um momento;
Modelar todo o ideal no bello e na verdade;
Sentir o genio a arder no intimo do seio;
Cantar, chorar e rir por simples devaneio;
Fazer d'um bello olhar, d'um ail d'uma saudade
Um primor d'arte, um mimo, um verdadeiro encanto
Fazer perolas do pranto...
Eis a aspiração completa,
A vida, a paixão do poeta.*

bibRIA

A VIDA

bibRIA

Abri meus olhos ao raiar da aurora
e parti. Veiu o sol e então segui-a...
a sombra, que eu julgava guiadora,
a minha propria sombra fugidia.

E foi subindo o sol; ao meio dia
escondeu-se-me aos pés a sombra; agora,
se volvo o olhar onde passei outr'ora,
vejo a seguir-me a sombra, que eu seguia.

A gente é o sol d'um dia; sobe, avança,
passa o zenith e vae, na immensidade,
apagar-se no mar, onde se lança...

E a vida é a propria sombra, meia idade
somos nós, que a seguimos e é — *esperança*;
depois segue-nos ella e é — *saudade*.

Lisboa, abril 17 de 1875.

bibRIA

CREPUSCULOS

bibRIA

Se uma vez da assomada, além, do monte,
ao desmaiar da estrella no horizonte,
cada raio de luz, que amanhecia,
coloria

um caminho de flôres na passagem,
todas quietas á espera d'uma aragem,
que em branda agitação lhes consentisse
com meiguice

beijarem-se na troca dos perfumes...
Das balsas na espessura e além, nos cumes
da deveza estendida na quebrada,
se alvorada

festejavam cantares mil e mil...
era a manhã da vida e do amôr; era
primavera
era Abril.

bibRIA

II

E agora?... Inda a montanha aqui defronte;
Sobre ella, d'esse esplendido horizonte
ainda o mesmo raio suavemente
vem; sómente

nem uma folha verde ou flôr aberta
encontra em seu caminho, nem desperta
um só rumor de vida! Quêdo tudo,
quêdo e mudo!

Das arvores sómente os troncos pretos
erguendo os braços nús como esqueletos,
elevam inda ao Céu mudos lamentos
contra os ventos,

que a coma lhes levaram!.. Deus eterno,
bem hajas, cae-me a tarde á luz d'um raio
d'esse Maio
n'este inverno!...

E a noite vem cercar-me!.. Ó luz irmã
da luz encantadora da manhã,
foste um vae-vem do mundo e nada mais.
Vieste... e vaes...

Junho 2 de 1872.

UNS PÉSINHOS

À dona d'elles

bibRIA

Scismo, scismo e não sei inda
como tu, sendo tão linda
e tão vaidosa de o ser,
tens ahi no chão poisados
os teus pésinhos, coitados!
ahi como uns pés quaesquer!...

Eu não sei, não comprehendo,
quando te vejo correndo,
mesmo que vás devagar,

como uns pés tão pequeninos,
tão delicados, tão finos,
assim te podem levar!

Faz-me pena, coitaditos!
tão galantes, tão bonitos,
vêl-os assim pelo pó!...
Muita pena!... ainda ao menos
se não fossem tão pequenos...
mas assim faz mesmo dó!...

Ainda se toda a estrada
te fosse ao menos juncada
de rosmaninho e alecrim,
como á santa da capella
quando sae no andor; mais ella
nunca teve uns pés assim!...

Olha! ás vezes endoideço,
quando t'os vejo, e appeteco
duas semanas.... um mez...
dois mezes... nem eu sei quanto,
ser um sapato, comtanto
que tu me tragas nos pés!!...

Às vezes, quando á tardinha
tu vaes scismando sósinha
por sobre a relva ao de leve,
suspira cada folhita
d'inveja á mais pequenita,
que o teu pésinho conteve!

E, se páras distrahida
junto d'alva margarida,
ou malmequer, ou bonina,
faz gosto ver o geitinho,
com que a flôr torce o pésinho
e sobre um dos teus s'inclina!

Que amor! que amor, ó meu Deus!
e não é por serem teus,
que os amo tanto, não é...
Esse teu pé pequenino
foi obra d'algum destino,
que eu tinha de amar um pé.

Mas ai! São tão desdenhosos!
mostram-se assim descuidosos,
mas eu conheço, eu bem sei...

mil beijos, que me rejeitam,
nem por tapete os acceitam,
pobre de mim, que os sonhei!

O que me espanta, o que estranho,
é que elles d'esse tamanho
tenham tão grandes desdens!
Elles que são, coitaditos!
tão finos, tão pequenitos
que por um triz, que os não tens.

Esconde-me esses primores
esconde-m'os. Seductores!
nem são pés, são um feitiço!...
Esconde-me esses ingratos,
nem as pontas dos sapatos
quero ver-lhes, antes isso.

Que hei de eu fazer, quando os vejo,
a tanto faminto beijo,
que t'os quizera calçar?
que nem os peixes no rio
se juntam tantos a fio
na veia d'agua a brincar?!

S'inda fosse a tua meia
d'estes peixes rede cheia,
quando a fosses a vestir
e, em cada malha entalhado,
ficasse bem emmalhado
ao menos um sem cahir!

Ou ao menos se as pedrinhas,
onde os pões, quando caminhas,
fossem todas beijos meus,
que, nem indo a pé descalço,
puzesses um pé em falso...
mas assim!... Valha-me Deus!

Olha, a dizer-te a verdade,
eu acho, que é crueldade
deixal'os ir pelo chão...
Se queres, poupa-lhes passos,
levo-te a ti n'um dos braços,
e elles ambos n'outra mão.

Agosto de 1870.

AS CRECHES

bibRIA

Existe mal suspenso, mal tecido
n'um ramo dos mais deveis do arvoredor
um ninho obscuro, o lar estremecido
de pequena família. É manhã cedo;

já duas avesinhas têm partido,
viu Deus, com que saudade e com que medo
confiando áquelle ramo o seu segredo,
quanto no mundo têm de mais querido;

e lá vão no lidar de cada dia.
No comenos ergueu-se a ventania
e cil-os de volta os dois. Emfim, paciencia,

elles hão de ter fome, sim, mas vence-a
o amor ao filho, o ninho quer vigia.
Caridade, vae ser-lhe Providencia.

Maio de 1876.

bibRIA

A MISERIA

A meu irmão Visconde da Borralha

bibRIA

É quasi noite, inverno rigoroso...

Range o velho portal d'um pardieiro
e um homem entra a passo cauteloso,
alija um fardo alli; depois ligeiro,
subtil, procura os lumes e a candeia,
e logo s'illumina a estancia feia.

Quatro paredes negras, carcomidas,
com telhas mal casadas pelo cume,
e n'um canto a lareira, quando ha lume,

n'outro canto umas palhas extendidas
e uns farrapos dispersos... era a cama!
Entrámos no theatro... Agora o drama.

II

É Jorge o jornaleiro e tem trint'annos.
Fôra soldado Jorge e, mal voltára
á sua linda aldeia, á patria cara,
era ver olhos lindos e maganos
das môças mais formosas do logar,
dizerem «Não te rendes, militar?—

Mas, ao partir para a guerra,
quem mais o chorou na terra
do que Martha, a tecedeira?
Nem elle achava entré mil
mais leal, nem mais gentil,
nem mais terna companheira.

Martha é pobre: mas embora,
se ella o ama, se elle a adora
mesmo assim pobre, engeitada!...

E deu-se o laço fatal,
vindo Jorge a ser leal
à mais leal conversada.

III

Vêde agora o desgraçado!
Vêde esse rosto cavado,
pallido e triste, abatido
sobre o peito, que consome
uma dôr, que nem tem nome,
por nunca se haver sofrido.

Vêde esses braços valentes,
petrificados, pendentes,
que raro agita um tremor!...
Vêde essa vista perdida,
horas, horas esquecida!
Vêde essa estatua da dôr!

Eil-o em pé junto da cama...
tudo, tudo quanto elle ama,
quanto lhe é caro na terra,

a sua eterna alegria,
toda a luz, que lh'alumia,
tudo, tudo alli se encerra.

Que os pobres tambem têm alma,
mas vota-lhes Deus a palma
do martyrio, da amargura;
sem muitos ais! dolorosos
a entrecortarem-lhe os goços,
nunca lhes cabe a ventura.

bibRIA

IV

A mulher e tres filhinhos,
como implumes passarinhos
sob as azitas da mãe,
dormem, pobres innocentes!
magros e nús e doentes
nas palhas, cama que têm.

Martha, a gentil tecedeira!...

Martha a melhor cantadeira

dos serões!... a Martha!... a bella!!...

Quem diria! oh! quem diria,
que ella houvera de algum dia
ser aquella sombra d'ella!...

Não se dão na desventura
as rosas da formosura.
Que ella acceita a triste sorte,
mas os filhos na miseria!...
essa dôr suprema fere-a
e aquelle golpe é de morte.

Ergue-lhe o peito agitado
um suspiro entrecortado
de lagrimas... «Ai! Senhor!»
Mal se ouve o fraco gemido...
todo estremece o marido
e diz, fitando-a com dôr:

— «Pobre Martha!... que magreza!...
«que mudança! e que tristeza!
«já nem sonhando um sorrir!
«São-te as noites como os dias,
«sempre lentas agonias,
«sempre penas a cortir!...

«Nem dos sonhos no delirio
«dá trégoas o teu martyrio!...
«o martyrio que eu te fiz!...
«Eu, que te dei um calvario,
«e agora nem um sudario
«tenho, que dar-te, infeliz!...

«Tu, que és nobre e santa e bôa,
«ó Martha, Martha perdôa,
«pela dôr que me consome,
«por teus filhos todos tres,
«perdôa, Martha, bem vês,
«que morro da vossa fome.

«Fome!... os meus filhos têm fome!...
«e desde hontem que não come
«a pobresinha da mãe!...
«E eu não morro aqui de pena!...
«nem ao menos m'envenena
«essa fome, que elles têm!

«Ó meu Deus! e que eu não tenha
«mais que esse feixe de lenha
«para a migalha do pão!...

«Venci já tudo o que tinha...
«Só resta aquella palhinha...
«a cama!... oh! não, essa não...

V

E dos seios d'alma vinda
mais uma lagrima ainda
aquelles olhos rasou,
tremeu, depois foi descendo,
precoces rugas fendendo,
onde no rosto passou.

Mas ai! que lagrima aquella!
qu'intima dôr não revela,
que nunca o rico descobre!
Ide, felizes da terra,
ide á licção, que s'encerra
n'uma lagrima d'um pobre.

E, desce embora em silencio,
ó muda lagrima, vence-o
um echo d'alma, a quem dizes:

— «Entre irmãos do mesmo nome,
«entre homens morrer-se á fome!!
«Vergonha eterna, felizes.

«Uma fera, um animal,
«o tigre, a onça, o chacal,
«vá, que não têm coração...
«Mas homens! a humanidade!!...
«Que é da vossa majestade,
«Tigres — reis da criação?...

bibRIA

— «Jorge... Jorge... estás ahí?
«Pareceu-me que te ouvi,
«que tinhas lenha; é verdade?
«Queima tres achas ao menos,
«têm tanto frio os pequenos!...
«Ai! Jorge... por caridade...

«Olha, vem ver este anginho,
«como elle está, coitadinho,
«mesmo gelado com frio!...»

N'isto ouviu-se a multidão
a passar para o serão
com descante ao desafio!

Que contraste tão profundo!!...
É feito assim este mundo!
Abraçam-se a noite e o dia,
ao pé do porto o recife,
a par d'um berço um esquife,
junto da dôr a alegria!

bibRIA

VII
(DESCANTE)

A canna verde no mar
e a canna verde n'areia...
Vinha a morrer por cantar,
faltava a Musa e achei-a.

— Eu sou Rosa, não sou Musa,
quando me fôr a chrismar
já tenho, quem me conduza
da nossa casa ao altar.

— Com outro... estás enganada,
nunca tu vaes á igreja;
que, antes d'ir, és tu culpada
na minha morte d'inveja...

— Minh'alma tem liberdade,
não quer ser tua, já vês,
pódes morrer á vontade,
que eu não deito viuvez.

— Ó menina, não s'esqueça,
vota-me á morte, tão calma,
sem nem sequer a promessa
d'um Padre Nosso por alma?

— Se morresse um desgraçado,
resava muito e sem custo;
tu tens logar reservado,
se morreres, vae sem susto—

VIII

E alli suspende-se o canto
e quedam mudos d'espanto,
de anciedade e de terror...
Fôra um grito d'agonia,
um grito que resumia
as mil torturas da dôr.

«É Martha!... é Jorge!...» e voaram;
dois hombros á porta... entraram...
Qu'espectaculo tremendo!...
Um cadaver no chão!.. junto,
entre os braços do defunto,
um pequenino morrendo!...

Além na escura lareira
os restos d'uma fogueira,
e ao pé deitados e nús,
os outros dois innocentes
ambos sorrindo, contentes
por terem fogueira e luz!...

Hirto, pallido, gelado,
além Jorge, o desgraçado,
um cego d'alma, um demente...
Soaram-lhe horas de calma,
gelida estatua sem alma
nem vê, nem ouve, nem sentel...

Dois cadaveres!... Um louco!...
Mais dois pobres dentro em pouco
nas agruras da orfandade!...

São, deixa a estancia funérea,
roja-te monstro, Miséria.
Vem tu do Céu, Caridade.

Janeiro 3 de 1869.

RECORDAÇÃO

bibRIA

Não pódes hoje, phantasma,
com tanta tristeza e das-m'a!
ai!
sae do meu espirito, sae.

Se tu sabes de alegria,
que eu já tivesse algum dia,
ai!
tu, que vens do que lá vae,

Vae buscar-me, enquanto scismo
no passado, ao negro abysmo,
ai!
onde tudo, tudo cae,

Um mez, um dia, uma hora,
mas da tristeza d'agora,
ai!
distrae minh'alma, distrae.

Lisboa, 1874.

bibRIA

ISSO NÃO

(N'um album)

bibRIA

Hei-de aqui deixar-te uns versos?!

E depois, se m'encontrares,
como evitar os olhares
d'esses teus olhos perversos,
quando te rires de mim?

—Isso sim.

—E depois eu sou tão triste!
contar-te penas, não devo,
tenho medo, não me atrevo,

que tu de certo sorris-te
ao ver as penas que são...

— Isso não.

— Olha. Eu namoro uma estrella,
mas vê, que fatalidade!
Entre nós a immensidade!
Eu n'este mundo a ser d'ella!...
Ella no espaço sem fim!...

— Isso sim?!

— É certo. E sou desgraçado...
Sob esta apparencia calma,
mal sabes, no intimo d'alma
quantas vezes fascinado
de uma fatal tentação...

— Isso não.

— Dizes que não?! Pois tu pensas,
que a espuma, que lambe a vaga
o vento, o vento lh'a traga
lá das amplidões immensas?
Fugiu-me a alegria assim.

— Isso sim!

— Ah! tu não tomas a serio
minha triste confidencia!
Cuidas talvez, que é demencia
ter em pleno azul sidereo
a noiva do coração?

— Isso não.

— Às vezes quasi acredito
que apesar de ser estrella...
quem sabe, se, ao ver-me a vel-a,
não sente lá no infinito
morar tão longe de mim...

— Isso sim!

— Emfim já agora sou d'ella,
mas faço-te um juramento:
«Se cá no meu firmamento
coubesse mais d'uma estrella,
eras da constellação.»

— Isso não.

Lisboa, agosto de 1871.

AURORA

(N'um album)

bibRIA

Vaes deixar-nos e anoitece.
Mas na triste escuridade
fica o luar da saudade
gemendo «Aurora, amanhece».

Eu por mim, Aurora, quando
despontas á minha vista,
chego a crêr, que tenho crista
e bato as azas cantando.

Espinho, setembro de 1881

MYOSOTIS

bibRIA

«Não t'esqueças de mim!...» O que pediste?!

Noite e dia,
que eu sonhe ou que eu medite, alegre ou triste,
eu podia...

pois, dize, é lá possível esquecer-te?!

Sara, vê;
quem tenho eu no mundo, que me offerte,
que me dê

luz aos olhos, calor e alento á vida?...

Esquecida!...

Ah! tu foste, a que esqueceste,
que era impossivel; e assim
toma a flôr, que tu me deste...
Não t'esqueças tu de mim.

Lisboa, maio de 1878.

bibRIA

RECEIOS

A João de Deus bibRIA

Judith, eu tenho medo, muito medo
d'estes meus presentimentos.

Vem sempre confirmal-os, tarde ou cedo,
tristes acontecimentos.

Tu dizes, que é tristeza, que é saudade,
que são delirios, que é scisma...

As lagrimas saudosas é verdade,
que são tristissimo prisma.

Mas eu conheço, ha muito, ó minha vida,
o que é ter saudades tuas...
Já sei o que é sentirmos dividida
a nossa existencia em duas.

E nunca senti n'alma o que hoje sinto!...
Mesmo a tristeza, que eu trago,
occultar é mentir e eu não te minto,
é mais que um receio vago.

És vaidosa! por mais que te desveles
em ser firme, em ser constante,
nos raios dos meus olhos, ó luz d'elles,
não têm os teus luz bastante.

És, Judith, és vaidosa, minha amiga!
Tu bem vês, minha senhora,
não basta, que eu te veja e que eu te diga
que és bella, que és seductora.

Precisas de um theatro mais ruidoso.
Não te basta o sacro templo,
aonde n'um silencio religioso
eu te adoro e te contemplo.

E quem me diz que um dia não desprezes
os cultos do teu poeta?
As tuas azas d'anjo têm ás vezes
o voar da borboleta...

Minha Judith, estrella da minh'alma,
quem me dissera, ha dois annos,
que n'essa fronte d'anjo pura e calma
havia uns traços humanos?!

Mas não vi nada então, não pude vel-os.
Illuminou-me a existencia
a aureola, que cercava os teus cabellos
do resplendor da innocencia.

Quando ás vezes no céo, como suspenso,
distrahido olhar t'esquece,
como um lago de luz immenso, immenso
já todo o céo me parece.

Pojs imagina então, quando eu te via
existir em realidade,
ó dilecta visão da phantasia
nos sonhos da mocidade,

Quanta luz, imagina, em jorros veiu,
estrella, que m'illumina,
mal, ao ver-te, no intimo do seio
me despontaste!... imaginas?

Que ao despertar da somnolencia calma
fite a pomba um sol de Maio...
Pois a langue pupilla era a minh'alma
e tu o esplendido raio!

Deixou-me deslumbrado a formosura,
que a todo ideal excedia...
e fiz idéa então do que é ventura;
despertava emfim, sentia.

Sentir, sentir... Judith, o que é pois isto,
que se chama sentimento,
que eu nem tenho a consciencia de que existo,
depois d'aquelle momento?!

Cada instante da vida me parece,
que és tu, Judith, a viver-m'oi!...
E eu ficava, se agora te perdesse,
como um tumulto n'um ermo....

Como um tumulto ainda quasi aberto
a esperar da morte o sêllo,
erguendo a minha cruz no meu deserto
sobre um coração de gêlo.

Oh! dize-me que és minha e que eu não trema
de te perder, minha estrella,
que o tremer por ventura tão suprema,
ai! Judith, é já perdel-a.

Lisboa, 1873.

bibRIA

JOANNINHA

À Senhora Viscondessa de Ottolini

bibRIA

I

Sete annos e meio tinha
a encantadora Joanninha.
Chamavam-lhe a *Linda*, a *Estrella*.
Nem eu vi no mundo ainda
uma creança tão linda,
tão completa como aquella.

Pobre amiga! quem diria,
que eu tivesse ainda um dia
de te ver, e vi-te, morta!...

Como eu era teu amigo!
Quem o sabe é o teu jazigo
e a muda lage da porta.

Um dia, dia nefasto!
o meigo sorriso casto
deixou-lhe o rosto gentil.
Triste! Tristissima, e era
o seu tempo, a primavera,
o mez das flores, Abril!

A pobre mãe, que estremece
ao vel-a triste (parece,
que aquelle amor adivinha)
ergue-a nos braços e a custo
grita, pallida de susto:
— Que tens, que tens, Joanninha?

E com dor inexprimivel
accrescentava: — É possível,
que a minha filha adoeça?!
onde te doe, filha, aonde?
dize depressa, responde?
— Ail! mamã, doe-me a cabeça.

E com a filha abraçada
foge a mãe desatinada
n'uma insensata corrida...
nem que o mal a perseguisse
e ella, a correr, lhe fugisse,
com a filha estremecida.

II

— Eu já tenho, infelizmente,
tenho-a tido mais doente —
dizia a mãe á noitinha.
— Tenho esperança... Entretanto... —
E afogou-lhe a voz o pranto.
O amor de mãe adivinha.

III

Aos nove dias ainda,
pobre *Estrella!* pobre *Linda!*
ella geme agonizante,
sem que a aturada agonia
lhe dêsse a tregoa d'um dia,
d'uma hora, d'um instante.

Inda trago nos ouvidos
o som d'aquelles gemidos,
quebrados do soffrimento,
aquella voz esvahida
a mais e mais, como a vida,
o seu porvir... d'um momento.

IV

Invisível gigante, destemido
porque atacas a sombra do mysterio,
miseravel, cobarde foragido
das mudas solidões do cemiterio?

Vale a pena, arregaça o manto esqualido;
o teu joelho de ferro, ó monstro, ó verme,
tem alli o corpinho magro e pallido
de uma pobre criança fraca, inerme.

Ávante, ó morte. Aquella estatua branca
é a triste mãe; mulher e desvalida...
Avante pois, arranca-lhe, eia! arranca
essa porção melhor da sua vida.

Uma fraca mulher e uma criança,
que tens a combater! Dupla victoria!
Ouves as lagrimas? Avança, avança...
é o hymno triumphal da tua gloria.

Oh! sanguinario monstro, que eu não temo,
não poder eu cingir-te n'estes braços
e n'um esforço d'um vigor supremo
arremessar-te ao vago dos espaços!...

Que nem tu podes ser o mensageiro
do Deus senhor de todos os destinos,
o grande Deus, clemente e Justiceiro,
que gostava de ver os pequeninos.

Esse Deus, que os chamava e que sorria
com palavras de amor e de esperança
às dôces criancinhas, não podia
fazer, assim penar uma criança...

V

E que horrível penar! Cada gemido
cortava o coração! Áquella voz
d'accento fatigado e dolorido
só resistia o traíçoeiro algoz.

Redobrava-lhe a febre... De repente
abraçava-se á mãe a innocentinha...
— Sáiam todos, dizia; tu sómente,
fica tu minha mãe, mas tu sósinha. —

E então era uma luz extraordinaria
a romper-lhe o empannado nos olhares,
como ás vezes a lua solitaria
rasgando a nuvem, que aquedou nos ares.

— Sáiam todos; não quero aqui ninguém.
Deixem-nos ambas sós, fujam d'aquí.
Quero aqui estar abraçadinha a ti
a dar-te muitos beijos, minha mãe.

Assim... Lembras-te, mãe, d'aquella idade?

— Se lembro, ó minha filha... Que saudade!...

— Olha, mãesinha, não vês?
Senta-me ahi no teu braço
ou deita-me no regaço.
Sou pequenina outra vez...

Os meus sete annos e meio
quer Deus, que os torne a viver,
minha mãe!

É milagre do teu seio...
Inda bem, que o torno a ter,
inda bem!

— Queres beijar-me o seio?! Ai! filha que saudade!
É pois certo, meu Deus? Começa a despedida?
Ai! beija, filha, beija... Ó Deus, porque não hade
verter-lhe, como outr'óra, este meu seio vida?

É o delirio da febre! A triste nem conhece
que é pranto, que ella bebe! e eu, que não succumbo!
A pobre vae talvez, sentindo, que adormece,
mostrar-me como berço o seu caixão de chumbo.

Oh! fala-me outra vez, ó minha filha, fala...
Conheces quem eu sou? E a creancinha disse
— *Conheço... Tu... és tu... Embala mais, embala,*
Ó minha mãe, *que dor!... que dor! ai! se eu dormisse...*

Não chores, minha mãe, já me doe menos, vê-me —
E tentava sorrir ainda n'outro amplexo...
Ai! muito amiga sou da minha mãe. — E geme...
Volta a febre, o delirio e fala então sem nexos....

VI

—... e luzes de muitas côres...
e uma capella
de lyrios brancos e flores...
Depois has-de ir á janella...
e fita o céu muito, fita...

*Vê-se uma estrella
bonita, muito bonita...
que arde de noite e de dia...
lá da abobada infinita
a ver-te, como eu te via,
com que amor! com que saudade!
E has-de então pensar ao vel-a:
«Nos raios d'aquella estrella
o que luz é a claridade
dos olhos da minha, d'ella...»*

bibRIA

Porque essa estrella do céu
tão parecida commigo,
esse fanal teu amigo
é o meu retrato, sou eu.

Chama-lhe então tua filha
nos lacrimosos olhares
e verás como ella brilha
e em seus raios logo vêm
tristes vozes pelos ares
dizer-te: — Adeus, minha mãe... —

VII

E déveras na fronte de alabastro
se lhe espalha uma alvura opalescente,
como a luz frouxa do clarão de um astro,
que dêsse alli no berço tristemente.

Talvez reflexo d'intimos olhares,
que um caminho d'estrellas scintillantes
já lhe avistavam atravez dos ares,
por onde ia voar d'alli a instantes.

Parecia então dormente,
mas a sorrir a innocente
d'olhos abertos e fitos...

a murmurar uns segredos...
Talvez julgando brinquedos
mundos, que via infinitos.

Sorria de quando em quando
a ciciar de mansinho,
talvez que já divisando
as azas de algum anjinho
á espera d'ella pairando,

algum anjo, que ella via
a sorrir-lhe doce, doce,
como a pobre lhe sorria,
elle a dizer-lhe que fosse,
e ella a dizer que já ia.

bibRIA
D'espáço a espáço um gemido
de dôr...

E sempre o nome querido,
que amor!

Sempre, sempre o mesmo nome,
a mãe!...

Saudade que inda a consome
alem,

como a triste presentia,
pelo infinito entranhada,
como uma estrella, coitada?
a arder de noite e de dia!

Pois, quem sabe, se em verdade
ella n'aquelle momento
não tinha presentimento,
de que o céu, a eternidade
sem a mãe era o deserto
e de que aquella saudade,
que a queimava ainda perto
da mãe, da sua alegria,
ao depois a fogo lento
inda mais a queimaria
lá no azul do firmamento,
o céu do seu pensamento,
a arder de noite e de dia?

bibRIA

VIII

Tinha batido uma hora.

O vagar d'essa hora enorme
mal o sabe, quem a dorme
sem sonhar em quem a chora.

Se aquelle descansar era apparente,
a ultima, que ouviu; pobre creança!
E o relógio a *tictar* placidamente...
O tempo é que não cança nem descansa.

De cada oscillação d'aquella pendula
na soturna cadencia, mal sabias,
pingavam, gôta a gôta, as gôtas ultimas
da pequenina taça dos teus dias.

A taça, que s'inclina, inclina e tomba
á voz d'aquella pendula soturna,
erguendo o pedestal como uma urna...
Urn de lagrimas, partida pomba!

Urn que encerra em prantos e amarguras
a unção de muito beijo em muita cruz,
de muito olhar errante nas alturas,
como um astro sem orbita e sem luz.

IX

Ainda um quarto de hora, que batia
na pendula. Foi ultimo, que ouviste...
E logo a torre ao longe o repetia...
Ai! como a voz do sino vinha triste!

Tem fala aquelle bronze em noites d'estas.
Fartou-se de gritar aquella torre
a cada badalada — Morre, morre —
a cada quarto de hora — Não r'esqueças!

X

De repente a pequenina,
ergue os bracinhos convulsos...
A mãe beijava-lhe os pulsos
a ver se lh'os aquecia,
e ella a custo ainda atina
com funda melancholia
a suspirar o seu nome.
— Ai! minha mãe — balbucia
e olhava e olhava e não via...
Tudo em roda se lhe some
por entre as dobras sombrias
d'aquella nuvem, que cinge,
como uma gelida stringe,
o espectro das agonias...

Ao poisar-lhe sobre a fronte
uma nuvem como aquella,
que ha-de vêr? o cemiterio?

Pois, ao mudar de horizonte,
o que póde vêr a estrella
no percorrido hemispherio?

O espectro subiu-lhe ao leito;
sentou-se-lhe sobre o peito
e frias, frias de neve,
pelos olhos ao de leve
passou-lhe as pontas da tunica
todas bordadas de lagrimas...
e ella, a tremer ao sentil-as
carregarem-lhe nas palpebras,
deu-lhes tambem duas perolas
feitas da luz das pupillas...
Depois, cerrados os dentes,
veiu um gemido mais forte...
e ficou... a descançar...
tinha os pésinhos tão quentes...
Era o descanso da morte...
e a gente ainda a esperar!

XI

Não chores, mãe; já não soffrê.
É melhor o céo, que o mundo.
Não é tumulo, é um cofre
e serve-lhe o céo de fundo.

Não chores mãe; considera
em como a vida se passa,
em quanta e quanta desgraça
ella tinha á sua espera.

Não chores, mãe, quando um lyrio
entra a crescer, ai! quem sabe?
quem nos diz, que não acabe
entrançado n'um martyrio?

Não chores, mãe; quantas aves,
se soubessem ler as sinas,
quizeram em pequeninas
as suas mortes suaves?

Essas taças, em pequenas,
entornadas no outro mundo,
levam ao menos o fundo
virgem de dores e penas.

Não chores, mãe; quando penso
n'aquellas palavras d'ella,
devéras creio, que é estrella
e te vê do azul immenso.

Era uma estrella cahida
d'essa abobada celeste,
e tu foste a que lhe deste
a viver da tua vida.

Quiz Deus no espaço profundo
dar-lhe outra constellação
e deixou na escuridão
a que ella tinha no mundo.

Não chores, mãe; se algum dia
ella de lá reparasse
na pallidez d'essa face
e n'essa melancholia!

Se ella visse como corta
cada бага d'esse pranto
no rosto, que era o encanto
da pobresinha da morta...

Anjo ou estrella, onde ella brilha,
bem ha-de vêr d'essa altura,
se ha no mundo outra amargura,
como a da mãe sem a filha.

Anjo ou estrella, Deus t'a guarde...
Antes ir de madrugada
do que á noite ou fulminada
nas tempestades da tarde.

Lisboa, maio de 1874.

PORQUE NÃO RI?

(No leque de uma pianista)

bibRIA

Eu comparo á immensidade
melancholica do mar
a tristeza d'esse olhar
e a sua profundidade!
Inda bem que sei nadar.

Eu sei que desde bem joven
essa alma artistica tem
sondado, a chorar tambem,
as tristezas de Beethoven
e os transportes de Chopin.

Deixe-se d'isso. É um dia
a vida, e é bem que destaque
de alguma melancholia,
mas, a vida é uma folia,
toque tambem Offenbach.

Espinho, 1880.

bibRIA

ILLUSÃO

A Jorge Veiga

bibRIA
Vêm as ondas uma a uma
plantar um floco de espuma

na areia da beira mar
e alli andam entretidas
nas delicias repetidas
de a trazer e de a levar.

Mas, se passa uma rajada,
la vai a espuma levada...
e cada onda, que vai,
quando a não acha, parece,
que de triste desfallece
e reflue soltando um ai!

Pois mar é a paixão, que eu trago
e, se uma esperança afago
no lidar d'essa paixão,
não tarda vento, que a leve,
porque a pomba côm de neve
era espuma, era illusão.

Espinho, 1875.

bibRIA

CAMELIA

bibRIA

Eu sonhei, que ia provando
pela tua *bocca mel*, ia
a beijar uma *camelia*
e ao mesmo tempo sonhando.

Era a que tinhas no meio
do decote do *vestido*...
Se eu te não amasse, ah! creio!
não a tinha *talvez* tido.

Ingrata! a ver-me sem fala,
ancioso, e tu bem *sabias*...
ias comtudo esfolhal-a
alli mesmo!. Quem *sabe?* *ias!*

Depois, da mão descuidosa,
lendo em minh'alma, *se leste*,
entre um sorriso *celeste*
deixaste cahir a rosa.

Cahiu-te aos pés... N'um momento
era minha... Oh! *faze ideia!*
quiz-lhe dar a vida *e dei-a*
num longo beijo sedento.

Mas traz um filtro *consigo!*
Trouxe-o talvez do teu *seio!*
Faz sonhar, mas não *consigo*
sonhar, que sonhas; eu *sei-o*

que, se o meu sonho *só mente*,
não mente a flôr, que em teu peito
murchava achando *sómente*
a neve, de que elle é feito.

NUNCA MAIS

bibRIA

A Antonio Ennes

Talvez a folha, que alli vae no vento,
te volte aos ramos, arvore, que choras...
Não voltam as que leva o esquecimento!
São as folhas do tempo, são as horas.

A folha, que revoa pelos rasos
nas azas dos tufões, é feliz, ella!
que até desfeita em pó, nos seus acasos
póde ás vezes o vento alli trazel-a.

E póde entre as raizes do arvoredó
ir na seiva do ramo, onde nascera,
tornando a ser ainda, tarde ou cedo,
nova folha de nova primavera.

Mas quem me dera a mim achar no vento
em horas de saudade, em horas tristes
um pó, que fosse vosso, um só momento,
folhas do tempo, que a voar fugistes.

bibRIA

NO INFINITO

A José Maria Latino Coelho

bibRIA

I

Viver, pensar, sentir! Bem hajas, natureza!
Ter alma é ter na vida um raio do infinito,
que nos suspende o olhar eternamente fito
a contemplar-te sempre a esplendida grandeza!

Que te agradeça a lua a quietação dos mares,
as nevoas a campina, as nuvens o seu vento,
o lago a sua fonte, a estrella o firmamento
e a terra envolta em luz a limpidez dos ares.

O sol que te agradeça a etherea magestade,
o diadema de luz, o manto azul sidereo,
o sol a quem tu déste o throno d'um imperio
nos mundos, que a milhões lançaste á immensidade.

Mas eu que mal existo, um atomo do mundo,
não mais, um pó da terra instantes animado;
mas eu que sinto e penso e, muito embora ousado,
me lanço a esse azul como n'um mar sem fundo;

Eu quero agradecer-te o luminoso laço,
com que me tens suspenso em todo o pensamento,
como suspende á esphera o sol no firmamento
e tu milhões de soes nas amplidoes do espaço.

II

Quem sabe a quanto sol a immensidade encerra,
que afoga a sua luz na de outro sol suspensa,
e sempre, sempre assim n'uma cadeia immensa,
tão longe que inda a luz lhes não chegou á terra!

Se algum, porém, existe em toda a luz immerso,
se tudo tem um fim, como appetece á idéa;
percorro, sem contar, os elos da cadeia
e julgo ver-te em fim no throno do universo!

Vejo-te ou julgo ver-te, ó Deus, ó Providencia,
não só no que me cerca, em mim que sinto e penso,
na luz, que vem de ti, que vem do foco immenso
da vida universal, na luz da consciencia!

Mas se desvaira a idéa ao dar-se ás maravilhas,
de tudo que fizeste, a estrella, o sol ardente,
os céos, a terra, o mar e tudo finalmente,
o que serás tu mesmo e a luz com que tu brilhas?

Talvez esse universo a pullular de espheras
seja a tua alma immensa, aonde se encadeia,
tomando logo ser e fórma, toda a idéa
até que a lance o olvido ao vertice das eras!

Pensaste n'uma estrella—um mundo mais no espaço.
Uns seculos depois, se o dás ao esquecimento,
é menos um viajor no azul do firmamento,
que deixa as amplidões sem lhes deixar um traço.

Mas o que fazes tu, se nada se anniquila,
do pó de cada esphera ao apagar-se em summa,
como no mar se apaga o phosphoro da espuma
ou como apaga a morte a luz n'uma pupilla?

Que fazes tu d'um mundo em proporções tamanhas
ao despegar-lhe então dos flancos arquejantes
os oceanos seus em convulsões gigantes
fundidos nos caudaes da lava das entranhas?

Fizeste assim talvez n'um d'esses cataclysmos
a terra, o nosso mundo e a illuminada esphera,
que entrava a arder no azul, quem sabe se não era
faísca d'outro mundo a arder nos paroxysmos?

E assim, talvez, assim renovas o mysterio
da vida universal. Um mundo, que envelhece,
transforma-se, morrendo, em outro, que apparece
rasgando pelo azul o seu caminho ethereo!

Assombras-me, infinito, ó mar do pensamento,
que em cada vaga tens prostradas de canção
andorinhas ás mil, que um dia pelo espaço
quizeram ir tambem até perder o alento!

III

E acaso um foco existe em luz, em soes immerso?
Acaso tudo acaba?... Exige acaso a idéa,
que um elo ponha fim aos elos da cadeia
vinculando o infinito ao throno do universo?

Vincular o infinito era negar que exista;
marcar-lhe um foco, um centro, era marcar-lhe um raio;
e eu, pensamento, subo e subo, e caço e caio,
mas, quanto mais subir, menos me abrange a vista;

Que a idéa do infinito é igual, na magestade
d'esses mundos sem fim, á d'este grão de areia,
que eu penso em dividir e não me basta a idéa,
para chegar-lhe ao fim, nem mesmo a eternidade!

Quem hade amesquinhar-te a esplendida grandeza
buscando no teu seio um atomo, uma esphera,
para chamar o «nada» ao que, ha momentos, era
a parte do infinito, a tua, natureza?!

Coisa nenhuma acaba e tudo se transforma.
No tempo eternamente a instantes renovado
são germen do porvir as cinzas do passado.
Da vida no infinito é esta a lei, a norma.

IV

Pois porventura eu vivo? acaso a vida é isto?
A vida é do infinito, é o tempo, a eternidade...
Sei lá de quanto ser fez parte n'outra idade
o que hoje me completa o ser, em que eu existo?

E, quando um dia for minha missão cumprida
no eterno transformar de quanto a vida encerra,
sei lá de quanto ser, disperso pela terra,
ha-de inda ser o pó, que a mim me traz na vida?

Pois se o que chamam vida é tanto a vida, creio,
como filtrando a terra e em nuvens pelos ares
a gota d'agua é mar, só porque vem dos mares
e tarde ou cedo ha-de ir fundir-se-lhes no seio!

Se eu chego a confundir nos seios do infinito,
tendo seculos um e outro o seu momento,
o desabar d'um mundo em pleno firmamento,
o insecto a agonizar nos musgos do granito.

Vida!! estulto sonhar! quem chama a isto vida?
Vida, o relampaguear de uns rapidos instantes
do nascimento á morte! E então depois? E antes?
O *nada*? essa abstracção da phantasiosa lida?

Se o *nada* não existe, o *nada* o que fecunda?
Que ser podia dar-me o que nem ser continha?
Sou eu que sou da vida, a vida não é minha.
Sou do infinito e é d'elle a vida, que me inunda.

A grande arvore «o tempo» empresta-me a existencia.
Sou-lhe em fragil hastil pequena folha verde,
que ella um dia sacode e logo alli se perde
na seiva da raiz, da eterna florescencia.

Sou no mar do infinito a gota, que elle impelle
a filtrar-se tambem no veio pela terra,
que foi cair na fonte e vai descendo a serra
levada na corrente a restituir-se a elle.

Correndo em turbilhões eternamente em lida
por todo esse universo em colossaes arterias,
a estrella a circular nas amplidões ethereas
e o insecto pelo pó são igualmente a vida.

E mal se illuminou no azul do firmamento
mais uma nova estrella, envolve-a o infinito
no turbilhão da vida, e a estrella achou prescripto
o seu itinerario e vida, o movimento.

Pois bem, a mesma lei da inanime materia
organizou-me assim como organiza a estrella,
e á vida me lançou, como a lançára a ella;
deu-me orbita na terra; os astros tem-n'a etherea.

A vida é no infinito o que é no mar o vento;
se um barco surge mais, soltando a véla aos ares,
vem a aragem da vida, a viração dos mares,
encontra a véla erguida e dá-lhe movimento.

O vento é pois que a leva e nunca ao vento a véla,
pois quando aberta a vaga, em que o batel fluctua,
se afundem véla e barca, o vento continúa
levando ás mil e mil, como trouxera aquella.

V

Mas onde vaes ó barca a velejar nas trevas?
Sem luz que te illumine, o que te vale a aragem?
Sabes sequer de ti faltando-te a miragem,
a consciencia de que és e vaes e do que levas?

Harpa eolia surgiste, e a aragem do nascente
ao desferir-te uns sons anima-te um momento,
mas quanto falta ainda á corda em movimento,
á corda que vibrou mas indecisamente.

Falta-te a afinação, a ordem, a harmonia,
falta-te o doce rhythm e o cadenciado harpejo
ou da alma universal o vivido bafejo
a modular-te o accorde e n'elle a melodia.

Mal a esphera surgiu suspensa do aureo centro,
ao repassar-lhe o seio, a vida, que a levava,
mil folegos lhe abria á expiração em lava
e punha-lhe a pulsar um coração lá dentro.

E, enquanto andar a esphera, o coração lhe pulsa
em ondas pelo mar, em nuvens no horizonte,
em flores na campina, em arvores no monte,
e em lume na montanha a respirar convulsa.

E ha cantos na ramada, e ha fontes pela escarpa,
rugidos no palmar, caudaes nas serranias
e ha perfumes e luz, murmurios e harmonias...
em summa a véla ao vento, as vibrações da harpa.

Pois eu que sou da terra e a vida lhe pertenco,
como a terra e do sol e lhe pertence á vida,
como ella além do—ser—tem vida transmittida,
que reproduz no seio, eu vivo—e eu sinto e penso.

A terra tem o mar, as nuvens, o ar, o vento,
tem perolas, tem oiro e joias de mil cores,
florestas e leões, aves, perfumes, flores...
Eu tenho o coração e tenho o pensamento.

Um turbilhão de luz e um turbilhão de vento—
Vento—a vida e alma—a luz. E quando eu sinto e penso,
o que eu digo ser alma é d'esse dia immenso
a luz, que vem de embate á véla em movimento.

Por isso a véla vem da sua escuridade
à luz crepuscular inda indecisa e turva
clareando a cada passo até que vence a curva
e a corôa de luz o sol da immensidade.

E segue e segue ávante e esplende emfim de alvura
na luz, que a banha em jorro inteira ao vento solta,
e segue e vem a sombra, e segue e desce e volta
a um crepusculo ainda e logo á noite escura.

Que a vida é como o sol passando no hemispherio.
Uns céos puros e azues no alvor da mocidade,
d'ahi a nada a tarde, as sombras da saudade...
depois silencio, noite, o tumulto, o mysterio!

Dois crepusculos só... Ás vezes Deus reune-os
cobrindo no Zenith o sol mais reluzente!...
Ha nuvens pelo céu que o toldam tristemente;
noites que vem mais cedo e chamam-se—infortunios —

Ai! quanto a mim me encanta a estrella scintillante!
Abençoada a hora em que eu surgi da treva
votado a receber o raio, que me enleva
a deslumbrada vista em pleno espaço errante...

Que ter alma é ter luz, ter aza destemida;
poder fugir da terra, embora presos n'ella
e, insecto por insecto, estrella por estrella,
contar pelo infinito as pulsações da vida.

Ter alma é penetrar nos seios do futuro;
lançar a dynamite ao flanco das montanhas,
e ver-lhes borbolar das colossaes entranhas
os jorros de crystal e as veias de oiro puro.

É sentir arquejar a audaz locomotiva
devorando a extensão na rapidez do vento;
é transformar em raio a idéa, o pensamento,
passando adeante ainda á hora fugitiva,

É, com pulmões de ferro e respirando fogo,
bradar no grande oceano aos paramos profundos
«Ó mar, que os separaste, anda abraçar dois mundos»
e ver o mar immenso obedecer-nos logo.

E é ter onde occultar os intimos affectos,
como se occulta a hostia em fulgidos sacrarios
e os perfumes da flor nos virginaes ovarios
e o lar do rouxinol nas frondes dos abetos.

É conter a desgraça, esse leão esfaimado,
e arrancar-lhe da garra ensanguentada e adunca
quem nunca teve alguém, que lhe sorrisse, nunca,
como o orfão no berço e o pallido engeitado.

É combater a morte, a negra ceifadora,
esse invisível monstro, o verme nauseabundo,
que vae de leito em leito, a anoitecer no mundo
as noites para sempre, as noites sem aurora.

Ter alma é ter na vida a estrella deliciosa,
que nos transporta ao céu n'um raio do seu brilho;
basta a voz d'um irmão, basta o sorrir d'um filho,
o beijo de uma mãe, o abraço de uma esposa.

Eu te agradeço pois o luminoso laço,
por que me tens suspenso em todo o pensamento,
como suspende á esphera o sol no firmamento
e tu milhões de soes nas amplidões do espaço.

Emquanto me illumine o seu clarão celeste,
hei-de gloriar-te n'elle, ó mais que divindade,
formando só do—Bem, do Bello e da Verdade—
o ideal, o throno azul da estrella, que me déste.

Na altura d'esse ideal eu te amo e te contemplo.
Chamam-te o eterno Deus no templo do Universo.
Em pleno seio teu profundamente immerso
eu chamo-te — Infinito. É mais; é Deus e templo.

Lisboa, 1876.

bibRIA

CÉO E MAR

A Bulhão Pato

bibRiA

Quantos astros ha no céu!
Quantas ondas ha no mar!
Quantos mares no meu peito!
Quantos céos no teu olhar!

GUERRA JUNQUEIRO.

Tu queres saber por quantos
mil amores eu sou teu?
Eu digo-te; olha, são tantos,
quantos astros ha no céu!

Lgrimas, se me perguntas
quantas me fazes chorar,
sabes? são mais do que, juntas,
quantas ondas ha no mar!

Pois, quando espalhas bonanças
sobre o temporal desfeito,
não vês, que mares amansas,
quantos mares no meu peito!

Só eu sei ver, e de ha quanto!
é talvez de os contemplar
em prismas feitos de pranto,
quantos céos no teu olhar!

Lisboa, 1878.

bibRIA

NO SERÃO

(FRAGMENTO)

Ao Visconde de Benalcanfor

São os teus olhos, menina
dois gominhos de maçã...
Quem me dera a mim trincal-os
em jejum, pela manhã.

Cant. popul.

E o serão começou. Tudo é festejo...
Rompe a banza de Paulo alegre harpejo...

— E agora, ó da fiada, haja quem toque —
diz Theresita. Diz e o seu galante
áquella voz, que o intima,
ergue o chapéo,
encara o céu,
prepara a voz, mais a rima,
desce o bordão, sobe a prima,
e canta.

A viola está bem alta,
mas por alta nada perde,
a voz a mim não me falta;
vou cantar a canna verde.

Ó Canninha, ó verde canna,
ó filha do cannavial,
eu namoro uma tricana
mas em bem, que nem-ja em mal.

Não tem o sol ondas de oiro
ao descair no sol posto
como as do cabello loiro,
que lhe inunda todo o rosto.

Os olhos—duas estrellas
e da côr da noite o olhar,
mal desunidos sobre ellas,
dois arcos negros a par.

A fronte da côr da lua,
as faces côr da manhã...
Madurece côr da sua
a pelle de uma maçã.

A boquita, conjecturo
que lh'a fizeram as fadas
das metades orvalhadas
de um morango bem maduro.

Por isso, quando succede
respirar-lhe a gente a fala,
morre-se a gente de sede
e, o que appetitece, é trincá'l'a.

Tão pequena, tão pequena,
que a gente ás vezes nem sabe,
quando suspira de pena,
se um ai! por ella lhe cabe!

Não vem no rio pedrinhas
a rebolar nas correntes
tão lustrosas, tão branquinhas,
como o esmalte dos seus dentes.

Nem ha no raiar do dia,
quando a estrella empallidece,
não ha d'aquella alegria,
que ao seu sorrir amanhece!

O pescoço côr de neve
dá nas vistas pela alteza
Rosas de tal gentileza
querem hastil, que as eleve.

De descachidos, coitados!
os hombros dá pena vê'os,
talvez de tão carregados
com o peso dos cabellos.

D'uma vez enamorado
o amor pousou-lhe no seio,
e, áquelle doce embalado,
adormeceu-lhe no meio.

Tem umas mãos tão pequenas,
que não se me dava um dia
de lhes dar um beijo apenas,
a ver se o beijo cabia.

Os pésinhos tomam banho
em duas gotas d'orvalho!
vejam, d'aquelle tamanho,
quando a levam, que trabalho!

Quando canta na ribeira
de saias arregaçadas,
ficam as aguas paradas
a adorar a lavadeira.

E d'alli até aos mares
tudo são conversas ternas
sobre miragens de olhares,
sobre esculturas de pernas.

Mas retrato seu perfeito
não tem ella um, senão
aqui dentro do meu peito
gravado no coração.

SE ME LEMBRO!

bib**RIA**

Un soir, t'en souviens-tu?...

LAMARTINE.

E perguntas se me lembro!...

Bem sabes tu, se eu podia
esquecer-me, nem um dia,
d'essas tardes de setembro.

Era ainda antes do raio,
que me deixou fulminado;
era ainda o doce maio
d'este outono antecipado.

Era ainda a primavera...
tudo perfumes e flores,
tudo sonhos, tudo amores!...
Illusões... mas quem m'as dera!

Se me lembra!! O que eu sentia,
era um goso sobre-humano,
ao escutar a melodia
d'aquelles sons do piano!

Como a minha alma sequiosa
bebia n'aquellas notas,
nem que fosse orvalho em gotas
e ella o calix de uma rosa!

Como eu sabia entendel-a
essa mystica linguagem,
que apenas alguma estrella
me via beber na aragem!

Como eu dobrava os joelhos
a sonhar que por encanto
ia aspirar o teu canto
sobre os teus labios vermelhos!

Como eu ficava enlevado
a traduzir os segredos,
que no marfim de um teclado
sabem dizer-me os teus dedos!

E ha-de esquecer-me setembro!! ..
Morre a esperança, é verdade,
mas vive o amor da saudade,
por isso... lembro-me... lembro...

Janeiro 30 de 1875.

bibRIA

O DRAMA DA CAZUARINA

bibRIA

A minha mãe

Triste rôla, por que sina
escolheste a cazuarina?...
por que fatal sympathia?...
Por isso ao teu ninho presa
n'essa arvore da tristeza
gemes triste noite e dia.

Triste rôla, por que sina
escolheste a cazuarina?...

Já, talvez de vago mêdo,
inda o ramo estava quêdo,
inda a tarde era serena,
já, soltando a voz a custo,
sobre o tristíssimo arbusto,
teu rolar fazia pena!...

Lias presagios da sina
no triste da cazuarina?...

Eras toda amores, eras
a rôla das primaveras,
terna, doida, enamorada,
correndo os bosques... No meio
outra ouviu-te, e veio, e veio...
De então não viste mais nada.

Nem viste, como se inclina
o cimo da cazuarina!...

Agora sim, sentes perto
temporal, e a descoberto
vês a esposa estremecida
e os teus filhinhos implumes
n'esse ninho em que resumes
toda a ventura da vida...

E a aza é tão pequenina!...
e é tão nua a cazuarina!...

E vês na furia do vento
quebrar-se a cada momento,
ranger, vergar o raminho
quando a rajada, que passa,
leva uns fios, que espedaça,
dos liames do teu ninho,
fustigando a cazuarina,
que a luz do raio ilumina.

D'esse esfiado folhame
resta apenas um liame,
não é possível, que vença
o furor da ventania...
Só um milagre podia
salvar-te da perda immensa,
que, se o raio a não fulmina,
quebra o vento a cazuarina.

Mas o milagre Deus fêl'o!
Quebrasse mais um cabelo
e o ninho estava perdido.
Eis que no oriente luzira
bella, esplendida safira...
e... tinha o vento cahido.
Quasi immovel mal se inclina
o cimo da cazuarina.

Mais e mais, instante a instante
faz-se azul todo o levante...
apagam-se os pyrilampos.
Do monte, enfim, sobre os môrros
surge o sol e a luz em jorros
inunda os bosques e os campos.
Quanta gota purpurina
na coma da cazuarina!...

Céo azul... manhã serena...
Sacode a humida penna
a pobre rôla e ligeira
lá vem... lá vae como o vento...
Lida, lida... Era o sustento
de uma família inteira;
a família pequenina,
que mora na cazuarina.

Mas na ladeira defronte,
no arvoredado ao pé da fonte,
uma fera occulta aguarda
o passarito innocente,
que tem sede... e de repente
dispara o bicho a espingarda...
Ferida a rôla ainda atina
onde tinha a cazuarina.

E a misera, que da fragua
tomava uma gôta d'agua,
que trazer ao ninho, exangue
chegou n'uns vôos incertos
e em tres biquinhos abertos
deitou tres gôtas de sangue.
Fatalidade!... Era a sina
da rôla da cazuarina.

Depois as palpebras fecha
e, sem gemer uma queixa
na suprema despedida,
debruçando sobre o ninho
o ensanguentado biquinho,
expira e tomba sem vida...

A rôla tinha por sina
de morrer na cazuarina.

Sobre ella uns ramos pendiam
pingando gôtas... Seriam
prantos ou gôtas de chuva?...
Eu sei!... Nos luctos da rôla
o amor da mãe mal consola
o coração da viuva.

Por isso a outra se fina
a gemer na cazuarina.

Que os filhos sempre ella os cria;
crescem, voam... mas um dia
ficam lá, quem sabe aonde?...
Toda a noite a rôla grita,
mas áquella voz afflicta
ninguem no bosque responde...
Eil'a só na cazuarina!
Era a saudade e era a sina.

Tres dias na soledade
vive a triste de saudade;
por fim resvala da rama
á relva aonde cahira
a outra ha dias... e expira...

D'esse tristissimo drama
resta apenas a ruína
d'um ninho na cazuarina.

Lisboa, Junho de 1871.

DESALENTO

bibRIA

Que nem do requeimar d'este cruel ciúme
pegue o meu sangue o lume aos olhos, com que a fito!
Que este amor infinito a erguer-se onde a contemplo,
como incenso n'um templo ante um sacrario aberto,
não lhe eleve bem perto um coração, que anhela
ser d'ella a vida inteira, unicamente d'ella!...

Que nem ao menos de leve
aquelle gelo se quebre!
Eu queimado d'esta febre
e ella neve, sempre neve!...

CULTO DOS MORTOS

bibRIA

N'um album funebre

Eis um drama, porventura
dos muitos, que nos mysterios
horriveis das sepulturas
se passam nos cemiterios.

Era uma tarde d'outubro
ao sol-posto. No occidente
via-se o céu todo rubro,
de um tom esbazeado, quente.

E o cyprestal repellia
aquelles raios purpureos
na immensa melancholia
d'uns tenuissimos murmurios,

Fitando no firmamento
as suas cones escuras,
o lugubre regimento
dos guardas das sepulturas.

E abrindo as alas soturnas
em honra dos que alli passam,
urnas já tombadas, urnas
da vida, que se espedaçam.

Tomou-me a tristeza immensa
d'aquella hora tão triste
alli, aonde se pensa,
no que existe, quanto existe!

E achei-me no subterraneo
de um jazigo. Apenas entro,
n'um movimento instantaneo
cahiu a lage do centro.

Fiquei-me alli como louco
de terror e de anciedade!...
Ouso olhar... A escuridade
ia abrindo a pouco e pouco.

Era um reflexo azulado,
como um raio vacillante
de uma luz muito distante,
que alli chegasse cançado.

Como se a lua de maio,
atravez da pedra dura,
fizesse a esmola de um raio
à noite da sepultura.

Entrei a ver caixões amontoados;
uns côr de terra, alguns ainda pretos,
a desfazerem-se outros aos bocados,
amostrando pedaços d'esqueletos.

E disse-me uma voz de lá do fundo,
como que a responder-me ao pensamento:
«O pó, que vês cubrir-nos, vem do mundo
e ao marmore atravessa, é o esquecimento.

«A terra, não, não atravessa a pedra,
«mas também que lhe importa, se ella sabe,
«como este pó cá dentro medra e medra
«até que tarde ou cedo nos acabe!...

«Mal sabem esses, que chamámos nossos
«e que a principio nos choravam tanto,
«que, desde que em seus olhos não ha pranto,
«é que este pó nos vae comendo os ossos.

«Mal sabem, que uma lagrima, só uma,
«que chorem de saudade e de amargura
«traz luz e traz calor, quando ressuma
«na fria escuridão da sepultura.

«Repara no caixão, que tens ao lado...
«Vale a pena morrer n'essas edades...
«Deixar a mãe no mundo é ser chorado.
«Só corações de mãe guardam saudades.

E com effeito vi cheio de espanto
n'um pequeno caixão todo escarlata
e a resaltarem do velludo mate,
como feitas de luz, gotas de pranto.

Quiz tocar-lhe e senti-o morno, quente!...

«É que a mãe longe ou perto não a esquece
— me diz a mesma voz — «Essa innocente
•tem mãe, tem prantos e a saudade aquece.

«Saudade é quasi a vida de um finado;

«é quasi vida, que o sepulcro gera.

«Quem te dera, ó esqueleto regelado,

«o calor de uma lagrima sincera !

«É quasi vida que esta cinza anima.

«Senão, repara, escuta... » N'esse instante
ouviu-se o som de uns passos lá por cima,
um passo vagaroso e vacillante...

E foi-se approximando e a cada passo

mais viva se tornava a claridade

d'aquelle pallido reflexo escasso!...

Era a luz penetrante da saudade.

Chegára, ajoelhou-se e n'um momento

ouviu-se-lhe um soluço de amargura

e logo, como em pleno firmamento,

uma estrella raiou na sepultura.

Mais outra e outra e mais apoz aquellas
entraram n'uma chuva luminosa
a cahir lentamente como estrellas
sobre o caixão pequeno côr de rosa !

Tornou-se toda a pedra transparente
e viu-se a mãe á sombra do cypreste
pregando os olhos alternadamente
na cruz, na lagea e na amplidão celeste.

Ao mesmo tempo no interior da campa
eu via, crendo a custo no que via,
que o pequeno caixão estremecia
a pouco e pouco descerrando a tampa !...

Grande Deus, que maravilha !...
Sorria a creança ! e, quanto
mais a mãe vertia pranto,
mais feliz sorria a filha !

E, onde quer que lhe poisasse
uma lagrima saudosa,
era um traço côr de rosa
no pallôr d'aquella face !

Estava como entretida
n'algum sonho dôce, dôce...
Estava como se fôsse
no seu berço adormecida!

Ao depois foi-se elevando
como uma sombra tranquilla,
ou como a pluma, que oscilla
no azul da tarde pairando!

Subiu, subiu lentamente
e, abrindo os braços de neve,
chegou a face ao de leve
ao mármore transparente...

N'esse momento curvada
a mãe beijava o lagedo...
e a creancinha em segredo
dizia «mãe, obrigada.»

Quem contasse a maravilha
á triste! Quem lhe dissera,
que os labios, onde os puzera,
fôra na face da filha!

N'um mysterio se illuminam
ás vezes outros mysterios.
Ha muitos sonhos que ensinam...
Ide muito aos cemiterios.

Lisboa, 1875.

bibRIA

EXTREMOS

bibRIA

Fatal contradicção! Tens na alma a triste
melancholia,

é quando te sorris com maior gosto!...

E se uma lagrima te banha o rosto,
é de alegria!

No goso choras e na dor sorris-te!

Nos olhos tens das tardes azuladas
os firmamentos

e a negra noite em cada trança tua!

Tens pela fronte a pallidez da lua,
mas ha momentos
em que a tinge o rubor das madrugadas!

Nos teus sorrisos abre-se uma rosa,
mas, se eu supponho
beber-te o mel dos labios n'algum beijo,
ferido n'uns espinhos, que não vejo,
deixa-me o sonho
a bocca ensanguentada e sequiosa!

És noite e dia, lagrima e sorriso,
contraste eterno!
Rosa, espinho... Umas vezes paraíso,
outras inferno!

Abril de 1874.

AS DUAS MAIAS

Ao poeta brasileiro Luiz Guimarães Junior

bibRIA

Encontraram-se um dia ao pé de umas olaias
uma ao sahir do *Parque*, outra ao voltar da fonte,
a filha de um senhor, que se escapára ás aias
e a filha de um pastor, que andava para o monte.

A mesma idéa as traz — vestirem-se de Maias—
E, a rirem, como o sol já nado no horizonte,
se inundam uma á outra em lucta fronte a fronte
de quanta flor contêm nas regaçadas saias.

Porém a camponeza, ao ver-se mergulhada
em rosas e jasmins, orchideas e lilazes,
uma alluvião de côr!... curvou-se envergonhada...

Traz muito malmequer, violetas e mais nada!...
Pois eu, lendo o teu livro, eu juro, que me fazes
pensar na camponeza, ao dar-te o meu. Coitada!...

Novembro 3o de 1881.

bibRIA

PENAS

A meu irmão Eduardo Caldeira

Se eu soubesse que voando
alcançava o que desejo,
mandava fazer as azas,
que as penas são de sobejo.

Cant. popul.

Como differem das minhas
as pennas das avesinhas,
que de leves leva o ar!
As minhas pesam-me tanto,
que ás vezes já nem o pranto
lhes allivia o pesar.

O passarinho tem pennas,
que em lindas tardes amenas
o levam por esses montes,

de collinas em collinas
ou nas extensas campinas
a descobrir horizontes.

Com ellas vive folgando;
tem penas apenas quando
alguma penna lhe cae;
mas a essa pena affaz-se,
entretanto a outra nasce
e tudo esquece e... lá vae.

bibRIA
E as minhas penas não caem,
nem voam nunca, nem saem
commigo d'esta amargura!
Mostram-me apenas na vida
a estrada, já conhecida,
trilhada dos sem ventura.

Passam dias, passam mezes
passa o anno muitas vezes
sem que uma pena se vá!...
E, se uma vae mais pequena,
ao depois nem vale a pena
porque mais penas me dá.

São bem felizes as aves!
como são leves, suaves
as pennas, que Deus lhes deu!
Só as minhas pesam tanto!...
Ai! se tu soubesses quanto!...
Sabe-o Deus e sei-o eu.

Borralha, agosto de 1870.

bibRIA

GUIDA

A sua Mãe

bibRIA

1

Nunca esfriei na saudade
da minha infeliz Joanninha,
saudade, que ha-de ser minha
companheira sempre. Oh! se ha-de!

Porém, confesso a verdade,
passados tempos já tinha
não sei se a mesma amizade
á Guida, a irmã mais novinha.

A encantadora creança
era igualmente um encanto...
E depois... que semelhança!...

Pareciam-se ambas tanto,
que m'as confunde a lembrança,
ao confundil'as no pranto.

II bibRIA

— «Ó mamã, diz ella um dia,
«não vês?! Desde esta manhã
«nem um momento desvia

«os olhos de mim! Mamã,
«que me quer ella?—E sorria
para o retrato da irmã.

A pobre mãe, presentida,
fez-se pallida... Coitada!
n'aquella filha adorada
tinha a outra confundida...

Quando voltei á jazida
da outra cara finada...
á sua flôr ia atada
já outra flôr... Pobre Guida!

Lisboa, novembro 7 de 1881.

bibRIA

CORTINAS

(N'um album)

bibRIA

Que hei-de escrever? Eu queria
dizer-te coisa, que fosse,
alem de toda poesia,
doce como a sympathia,
que inspiras, quasi tão doce.

Pois já sei. Vê tu agora
o meu projecto. Preciso
de uma nevoa azul da aurora
poisada n'um lago lizo
como o teu olhar, senhora.

Talho então duas cortinas
d'essa volátil cambraia
e bordo-as a pedras finas
com as gotas opalinas,
que as conchas guardam na praia.

Para as guarnecer, aposto
que um bello dia descubro,
como roubar ao sol posto
nas tardes quentes de agosto
umas tiras de céu rubro.

Depois n'uns dias serenos
hei-de correr esses campos
a embalsamar-as ao menos
na medresilva e nos fenos
crivando-as de pyrilampos.

Vou então com todo o geito
de manhã, quando dormires,
pregal-as sobre o teu leito
n'um rico docel, que é feito
da ponta de um arco iris.

Mas depois, quando accordares,
ao ver aquella surpresa,
cuidado quando espirrares,
porque espirras com certeza,
não vá tudo pelos ares.

Que a cambraia das cortinas
é tão leve, como é fria;
mas não ha n'essas campinas
relva ou flor, mal rompe o dia,
que a não ame! É sympathia!

É como tu justamente!
é como tu, que nem pensas,
como captivas a gente
nas sympathias immensas
do teu olhar transparente.

Tanto, que o mais delicado
é, se me deixas a escolha,
no docel sem cortinado
um grande espelho inclinado,
e, quando accordares, olha...

HONTEM

bibRIA

A Camillo Castello Branco

Ou seja a dôr que a despoje
da sua crença mais sã,
ou seja a sorte, que a arroje
como sombra inutil, vã,

alma, que do mundo foge
sem achar no mundo irmã,
é como a tristeza de Hoje
sem Hontem nem Ámanhã.

Mas ter saudades, que apontem
lá no passado uns minutos,
que nos olhos nunca enxutos

inda as lagrimas recontem,
eis a dôr de eternos luctos...
Sem Ámanhã nem Hoje... Hontem.

Maio de 1876.

bibRIA

POBRE MÃE

Ao Visconde de Ottolini

La vida es el morir, es el ocaso
De un sol, que entre tormentos se derrumba
Feliz el niño que al nacer dá un paso
De la cuna á la tumba.

F. GRILO.

I

Entrae no cemiterio, entrae sosinhos
ás horas tristes, em que o dia foge
e, ao ver coroas, de perpetuas hoje,
pensae, qual d'ellas não foi já d'espinhos.

Correi-as todas e, se alguma achardes
de acaso e rara, que o não tenha sido,
heis-de ver lapides, que têm cahido
antes, bem antes do cahir das tardes.

Alguma flor, a que nem ar nem vento
conheceu nunca o delicado aroma;
estrella a despontar, que, mal assôma,
se entranha pelo azul do firmamento.

II

Tu, que vaes, como a rola solitaria
deitada sobre um ninho desmanchado,
aquecer com teu labio demorado
a aresta d'uma lage mortuaria;

e que, assim como um lirio se pendura
a ver no abysmo alguma folha solta,
te curvas sobre a terra inda revolta
d'aquella pequenina sepultura;

ó mãe, ó martyr, não tens outra palma.
Contempla os céos e Deus te deixe vê-la
aos olhos de teu rosto n'uma estrella,
n'um doce anjinho aos olhos da tua alma.

TRANSMIGRAÇÃO

bibRIA

Ainda bem que acredito
na immortalidade da alma;
que, n'este mundo proscripto,
todo o martyr sonha a palma
na aspiração do infinito.

Mas supponhamos agora,
que na morte ella transmigre...
Que terei eu sido outr'óra?
Quem sabe lá? Talvez tigre
ou leopardo... E tu, senhora?

Tu tão gentil e tão esquiua?!
Ah! tu foste já, por força,
borboleta fugitiva,
quando eu era sensitiva...
ou então gazella... ou corça...

Quem sabe se foste um dia
niveo raio de uma estrella,
tu, que és tão branca e tão fria!...
São dois boccadinhos d'ella
os teus olhos, juraria.

Talvez fosses tambem garça...
A elegancia, a gentileza
vem-te d'essa natureza
e a mulher não lh'o disfarça.
Foste garça com certeza.

Que, no sorrir, desconfio,
que fosses rosa vermelha
e que salvasses do estio
um botão d'esse feitiço...
Pois, se foste, eu fui abelha.

E de ter sido harpa ou lyra,
dize-me, não te recordas?
se foste, já não me admira;
ao que o meu peito suspira,
fui uma das tuas cordas.

Ao ver a fatalidade
do meu amor, eu supponho
muitas vezes realidade
o que nem passa de um sonho;
mas fosse um sonho ou verdade.

Quando foste *marguerite*
ao pé de ti era eu relva...
Depois mudaste e eu segui-te
e renascemos na selva
tu lilaz e eu clematite!

Foste rio n'outra parte
e eu a areia do teu feito!
E também fomos, suspeito,
tu vime e eu hera a abraçar-te...
E, olha, ficou-me esse geito!

Depois fomos, tu conchinha
e eu vaga; na maré cheia
leveí-te á praia vizinha,
mas não ficaste sosinha...
Lembra-te a espuma na areia?

Era eu, que te envolvia...
E allí te fizeste aragem.
E eu, que era espuma, segui-a...
Aquillo é que foi viagem!
Depois foste sol e eu dia.

bibRIA

N'esse tempo, inda me lembro,
fiz-me nuvem transparente
e corava de contente
pelas tardes de setembro
a velar-te no occidente.

Ah! que transportes! que enleios!
que loucuras! nem presumes,
ao colher-te a luz nos seios!!
Já então tinha receios,
já então tinha ciumes.

Fomos depois tu diamante
e eu oiro do teu engaste.
Vem-nos de essa cambiante
o seres tu deslumbrante
e eu tristissimo em contraste.

E é só por isso, eu te juro,
que raras vezes me alegre...
Porque eu era de oiro puro
e, por dar-te um fundo escuro,
cubri-me d'esmalte negro.

Foste depois andorinha.
Era a minha alma o regato,
onde ias sempre á tardinha.
Inda tenho o teu retrato
da miragem, que lá tinha.

E ainda ás vezes eu creio,
de ser tão viva a miragem,
que a sinto aqui no meu seio
como tantas vezes veio
beber no bico da imagem.

Finalmente, se notaste
que nem mil mortes consomem
este amor, que me inspiraste,
quer tu sejas flor e eu haste,
quer sejas mulher e eu homem;

e foi verdade o que eu penso;
é força, que te conformes...
Dá-me o teu amor imenso,
assim como eu te pertenço,
por mais que tu te transformes.

E deixa-me esta esperança;
deixa-me ver, se me faço
creancinha ou pomba mansa
a dormir no teu regaço
á sombra da tua trança.

Lisboa, agosto de 1878.

IDA (TRISTE)

bibRIA

I

Se nos nomes ha beleza,
Ida, o teu nome é bonito.
Ao mesmo tempo, é exquisito!
é d'uma immensa tristeza!

Quando eu vejo no oriente
despontar a madrugada
e cada estrella afogada
no clarão do sol nascente,

e no valle e na floresta
e em toda a campina extensa
romper a alegria immensa
d'aquella esplendida festa,

grito de mãos supplicantes
— Ó manhã da minha vida —
Então n'uns echos distantes,
tristissimos oíço — *Ida* —

Nunca a rosea flor da idade
se agita na haste pendida,
que uma infinita saudade
me não diga ao vê'la — *Ida* —

II

Se a vida é livro, duvido,
entre os que o vão folheando
uns a rir, outros chorando,
que alguem o tenha entendido.

Encontra-o aberto a gente
nas mãos ainda pequenas
e começa a ler apenas,
quando o fecham de repente.

Porém todos têm na vida
uma pagina mais cara,
mais lida e que mais custára
a ver um dia volvida.

As lagrimas da saudade
vem depois dar transparencia
a essas folhas da existencia,
que nos foi volvendo a idade.

Mas da pagina doirada
onde se escreve — Eis a vida —
não transparece mais nada,
já se não lê senão — *Ida* —

Por mais prantos, que as alagam,
n'essa que resume a vida
todas as letras se apagam
e não se lê senão — *Ida* —

III

Eu amei muito, coitada,
uma pobre creancinha,
que, se fôra filha minha,
não era mais adorada.

Tive um dia a desventura...
Emfim... basta, que eu te diga,
que vou muito á sepultura
da minha pequena amiga.

Abro a porta do jazigo,
dou-lhe umas flores, que levo...
Depois, ai! nem te descrevo
as coisas, que eu lhe lá digo!

Pergunto-lhe—Lá tão alta,
«tão longe, aonde tu mórias,
«dize, Guida, também choras?
«É tua mãe que te falta?

«Já estarás muito crescida?
«Ai! como deves ser linda!
«E não poder eu ainda
«ir beijar-te á outra vida!...»

E então no meu desatino
entro a beijar no velludo
do seu caixão pequenino,
tão pequenino e tão mudo!

E grito-lhe «Ó minha estrella!
«Guida? onde estás, minha Guida!»
E oiço lá dentro a voz d'ella
soluçando — *Ida... Ida...*

Nunca em meus sonhos se agita
a sombra da pobre Guida,
que uma saudade infinita
me não diga o mesmo — *Ida...*

O teu nome, pois, repito,
é de uma extranha belleza!
Acha-o a gente bonito,
mas faz-nos muita tristeza.

IDA (ALEGRE)

(N'um album)

bibRIA

Ida?... Pois sim, mas reclamo
a mais solemne promessa
de *volta* e volta depressa.
Sem isso, tudo te chamo,
mas *Ida* não caio n'essa.

Ida, mal tu me appareces?!
Nunca. Portanto permite
que eu te chame um nome d'esses,
que são mesmo de appetite
para ti, que tu mereces.

Podemos chamar-te — Stella —
A estrella da tarde é Venus
por ser brilhante e ser bella...
Ora tu não brilhas menos
e és mais formosa do que ella.

E até mais *branca*... É verdade!
Aqui tens! — *Branca!* É exquisito,
mas tem o encanto infinito
d'essa *candida* bondade...
Candida! outro e bonito!

Que ao ver-te pura e ridente
como um alvor da manhã,
loira, ideal, innocente,
como a Gretechen dolente
de qualquer lenda allemã,

é uma vontade infinita
de chamar-te — Margarida —
mas tenho medo, acredita,
de que algum echo repita
as duas syllabas — *i-da!*

Tu és d'uma sympathia
verdadeiramente celica...
Um nome, pois, que servia,
era o da Virgem... — Maria!
ou—Celeste!... ou mesmo—Angelica!...

Ora espera... tu vieste
dos céos... Agora adivinho;
tinhas um nome celeste
e, ao partires, deram-te este
— *Ida!* — E foi Deus teu padrinho!...

Pois ha-de ser isso, ha-de...
Quando lá nos céos se fala
em ti, dizem... É verdade!
Por isso o teu nome exhala
um não sei quê de saudade.

Pois bem. N'esse caso ajoelho
e passo a chamar-te — *Vinda* —
ou então, melhor ainda,
como te chama o teu espelho
curvando-se todo — *Linda*.

A FACA DO BANDIDO

A Gonçalves Crespo

bibRIA

Tres mezes adiara o dia da partida!

O diabo do pequeno... Emfim... venha a clavina

A manta a tiracolo... A apostar que traquina
pelo quintal... Brejeiro... E então a despedida?

O chapéo tyrolez... A sacca da comida...

Demonio do rapaz... Deus lhe dê melhor sina...

Pistolas... Cinturão ... Prompto... Raio de vida!

E essa faca onde estava? a faca damasquina?

Procurem-n'a, já vem... Sentada ao pé da nóra
brincava uma gentil creança encantadora,
talhando com a faca um pecego cahido.

Feriu-se ao ver o pae; mostra-lhe o sangue e chora.
Pela primeira vez ao vê'l'o o pae descora
e lança ao poço a faca... A alma do bandido.

Lisboa, 24 de fevereiro de 1882.

bibRIA

FEIA

bibRIA

O nome... Vá, não é feio;
mas a dona, francamente,
é detestavel! e eu creio
não ser eu só que a odeio;
succede isto a toda a gente.

Quanto a mim, por mais que faço,
não é possível que vença
esta antipathia immensa,
e parece-me que passo
a descompo-l'a na imprensa.

Se ella é mesmo os meus peccados!
Tem uns olhos exquisitos!...
castanhos!... muito ensombrados
d'uns longos ciliros curvados...
Sim... os olhos são bonitos.

Mesmo a bocca... não desgosto,
a bocca é muito engraçada...
Tambem é o que tem!... mais nada!...
A não ser a côr do rosto...
Essa é muito delicada...

De resto é o frescor da idade,
certa expressão de candura,
uma certa ingenuidade,
que attrae, lá isso é verdade...
E tem bonita figura...

O pé não pude bem vê'lo,
mas ha-de ser pequenito
e bem feitinho, acredito...
O que ella tem é o cabello
bonito, muito bonito...

Finalmente é horrorosa...

A não ser a voz, que é pura,
toda sã, toda frescura...
uma voz deliciosa,
um primor de formosura...

Sim a voz é encantadora...

É pena que ella se faça
um *nadinha* maçadora,
quando se lhe pede a graça
de cantar um quarto de hora.

Não tem mais nada bonito...

Quando encaro aquelle rosto
sinto um desgosto infinito...

O que é realmente exquisito
é gostar eu do desgosto.

Agosto de 1881.

EUGENIA

A minha sobrinha Eugenia de Magalhães Caldeira

É coisa muito exquisita
ser tio! Nunca pensei!...
Tudo a dizer-me «É bonita!
«É uma sobrinha *de lei!*

«É uma sobrinha catita!...
«É uma sobrinha...» Nem sei!
Demais a mais não se apita
nem se grita — Aqui d'El-Rei!

Se ouviste, esquece-o... Cautela,
que a vaidade, minha filha,
é a nuvem que os astros vela,

e uma mulher só é estrella
quando é na alma, que ella brilha
e quando é na alma, que é bella.

Lisboa, maio de 1882.

bibRIA

COLORIDO

A um desenho n'um album

bibRIA

Que demonio de cara velha e feia!

Que triste idéa!

Nem é mulher, é bruxa, é uma harpia!

E todavia

talvez fosse gentil, talvez, outróra...

É porque chora.

As lagrimas transformam-nos o rosto

e que desgosto

se lhe não lê na face macerada!

Ah! desgraçada,

porque amaste, porquê? Pois não sabias
que as alegrias,
que quizeste no mundo, tu tambem,
essas de mãe,

uma por uma em suas mãos esqualidas
o espectro da miseria as torna espinhos?
Nunca sonhaste com as fronte pallidas
e a fome e o frio dos teus dois filhinhos?

Desventurada, por que preço pagas
essas venturas, que sonhavas tanto,
agora que as tu contas pelas chagas,
que tens no coração gemendo pranto!

Perdão; és bella. O frivolo, que passa,
que ria embora.
O poeta, que é sympathico á desgraça,
ao ver-te, chora.

Toda a mulher é bella, se ama e soffre.
Thesoiros de belleza só os tem,
quem tenha aonde os guarde e não ha cofre,
que n'isso eguale um coração de mãe.

Espinho, 5 de outubro de 1878.

PARTIDA DE QUINO

A Francisco Palha

bibRIA

Sempre a mesma idolatria!
trovas tristes! madrigaes!
sempre a pallida agonia!
sempre sinistro! É demais.

Sempre esta cara de medo
a ler nefastos presagios!
sempre a fronte de Manfredo!
Sempre Paulo a ver naufragios!

Sempre o lucto, a dor immensa!
É monotono, faz somno.
Ó caro ideal, com licença,
salta cá abaixo do throno.

Os poetas são uns tolos.
Se has-de accender a faisca,
que me dá volta aos miolos,
olha, joguemos a Bisca.

A Bisca não? Tu não queres?
Então proponho o Cacino.
Não? Dize então, qual preferes.
O Quino? Bem; seja o Quino.

Padre nossos! Não tem geito...
Que dizes? A beliscões!
Inda perguntas se acceito!
A beijos!! Venham cartões.

Ó coração, desafoja,
Adoro-te ó minha amada?!
Vá; tira os numeros, joga,
que vaes perder, desgraçada.

— *Vinte e nove* — Tenho. — *Dois* —
— Também. Que bonita mão!
— *Onze* — Cá tenho... E depois...
— *Nove* — Marco. É bom cartão.

— Ai! mãosinha, eu t'idolatro!
Sou eu, que tenho os aneis
dos teus dedos. — *Vinte e quatro* —
— nos meus labios — *Dezeseis* —

— Como essa voz me commove!
Nem se ouve, sente-se. — *Trinta* —
— Quando falas... — *Dezenove* —
— não ha goso, que eu não sinta!

E essa boquita! — *Setenta* —
— Oh! se tenta! a um beijo eterno!
Se eu ganho... ai! quantos... — *Noventa* —
— Noventa? Bravo! Eis um Terno.

Quem tivera por destino
pegar-lhe esta sêde! — *Tres* —
— Não ha jogo como o Quino!
Já tenho Quadra não vês?!

É que ao franzir desdenhoso
d'esse botão orvalhado,
sinto-me tão sequioso!...
Quem me dera ter quinado!

Pensas que eu brinco? Não brinco.
Chamas brincado á paixão?!
Morro por ti — *Vinte e cinco* —
— Fiz outra Quadra! Um jogão!

E os pésinhos! Que tamanho!
Trazem-me doido os teus pés!
Se eu ganho, aí d'elles! Se eu ganho,
que famintos beijos... — *Dez* —

Tenho tres Quadras agora!...
Mais eu que nunca os beijeil
És realmente seductora!
Amo-te — *Quinze* — Quinei.

Maio 14 de 1872.

TRI-CENTENARIO

DE

CAMÕES

bibRIA

I

IMMORTAES

A. M. Pinheiro Chagas

bibRIA

D'ahi, da negra bocca desconforme
d'esse abysmo horrendissimo e profundo,
aonde tudo o que passou no mundo
cahiu, perdeu-se e para sempre dorme;

D'ahi, do immenso paramo sem fundo,
onde o infinito em catadupa enorme
hora a hora, segundo por segundo
vae immergindo placido e conforme;

surgem ás vezes vultos de gigantes
que deixam todo o mundo illuminado
como se fossem astros scintillantes.

E então todo o porvir repete em brado
«São os *Homeros*, os *Camões*, os *Dantes*...
«Deixae passar, não cabem no passado.»

Maio de 1880.

bibRIA

II

CAMÕES

bibRIA

Aos artistas dramaticos de Lisboa

Vous retrouvez partout une âme
aussi profonde que l'océan, et,
comme l'océan elle unit les deux
rivages opposés.

EDGAR QUINET.

Surgindo, como o sol, nos flâmmeos céos do Oriente,
se arremessou teu genio ás amplidões do espaço.
As suas azas d'oiro ainda o mundo as sente
cubriendo a todo o oceano, abertas, como abraço
d'um grande continente a outro continente.

Que o soberbo galeão, singrando triumphante
por tanto mar de morte e tanta tempestade,
não era a gloria só d'um bravo navegante
que elle ia eternizar nas praias do levante.
No barco vencedor passava a humanidade.

Passava a abrir mais campo, a abrir mais amplas áreas
á nova industria humana... E até no mar profundo
as ondas tropicaes, de ha tanto solitarias,
ao vêr um mundo allí, nos braços d'outro mundo
lhe inflammavam, de festa, as quilhas temerarias.

Mas quem lhe grava em bronze as famas da victoria?
Em que pagina immensa ha-de ella ser inscripta?
Surgiste então. Surgiste; illuminou-se a historia
e, em todo o mar talhando a pagina infinita,
Camões era immortal e a patria tinha a gloria.

A gloria de vencer e a gloria de ser tua.
A gloria de ganhar bravissima, valente
na marcha do futuro o logar de honra, á frente
e a gloria, que lhe resta, eternamente sua,
de ser a tua patria, Homero do occidente.

Grande genio immortal, que em plena eternidade
com tuas azas d'ouro os seculos abranges
na soturna undação dos oceanos da idade,
como abrangeste o mar do patrio Tejo ao Ganges,
e vives no infinito e a vêr-te a humanidade;

Sublime coração, que espedaçado um dia
demandavas penando aos echos do infinito
a *alma tua gentil, que assim se te partia*,
se acaso aquella voz, se acaso aquelle grito,
que a terra toda ouviu, no céu também se ouvia.

Escuta a voz da patria, o grito, o hymno, o canto,
que de echo em echo vae pelos confins da terra,
como se o mundo todo entoasse um hymno santo;
uma palavra, um nome unicamente encerra;
este nome é — Camões — e é Portugal portanto.

Alma gentil da patria, o andar dos tempos ha-de
unir talvez um dia os povos e as nações
em uma patria só chamada — humanidade —
mas, despenhem-se embora os turbilhões da idade,
é sempre Portugal a patria de Camões.

III

LONGE

bibRIA

A João Dantas

Como immensa pyramide, que altiva
cravasse o vertice no azul dos ares,
deitando a enorme sombra n'esses mares,
o vulto de Camões em perspectiva
demanda estas distancias seculares.

Maio de 1880.

IV

NO MAR

A Thomaz Ribeiro
bibRIA

Mar e céu... Nada mais... E aquelle vulto
curvado na amurada tristemente
a ver ao longe o sol já meio occulto
nos mares solitarios do occidente.

Aquellas são as horas da saudade.
Vem lagrimas na luz, que o sol derrama
ao longe, como um prego em braza, em chamma,
unindo immensidade a immensidade.

Por isso lhe vae triste o pensamento.

Que os ceos no mar poisados dão-lhe a idéa
da vida e da esperança, e a vida vê-a
como se fosse um mar sem firmamento.

«Ó patria — diz e, seculos rasgando
na noite do porvir, nas mãos erguia
o *livro eterno* — «Sim, tu sim, um dia,
ó patria minha... Mas ...» E então chorando,

perdido o olhar no azul profundo e triste,
sepulto o pensamento no infinito,
abria-se-lhe o peito n'este grito:
«*Alma minha gentil que te partiste...*»

Maio de 1880.

bibRIA

MÃE

(N'um album)

bibRIA

Com meia duzia de cabeças loiras
e uns rostos bem doirados de alegria,
aquelles, que em teus braços tu redoiras,
terna mãe, com teus beijos noite e dia.

Se eu fosse um bom pintor, o que eu faria
d'este livro, este cofre, em que enthesoiras
joias, que muita das princezas moiras
encantadas de outr'ora invejaria!...

Mas, se as cordas da lyra de um poeta
as tintas dos pintores valem bem,
não vale a minha penna, uma palêta.

E assim, minha senhora, a mais ninguém
tu contes nunca a decepção secreta,
com que eu só escrevo esta palavra—Mãe—

Lisboa, dezembro de 1881.

bibRIA

UM DUELLO

Recitada pelo auctor no theatro de Cascaes
em a noite de 24 de outubro de 1881 e offerecida
às senhoras da praia

bibRIA

Quando a luz do alvor desmaia,
o mar, n'um rumor analogo
ao desdobrar de cambraia,
diz coisas... Eis um dialogo,
que hoje mesmo ouvi na praia.

— Eu sou mais rico — dizia
o mar á terra. — Duvido —
lhe diz a terra e sorria
com ar de quem desafia.
— Que tens então presumido?...

— Eu tenho as algas marinas.
— E eu orchideas melindrosas.
— Tenho as florestas grandiosas
dos meus coraes! — E eu campinas
de lilazes e de rosas.

— Tenho a saphira dos mares!...
— E eu a esmeralda dos campos.
— Tenho o encanto dos olhares
no santelmo. — E eu nos milhares
de luzentes pyrilampos.

— Tenho a aragem, que, uma a uma,
me beija as vagas de leve.
— E em meus rosaes se perfuma.
— Tenho a espuma côr de neve.
— E eu a neve côr de espuma.

— Eu tenho a melancholia
sublime do pôr do sol.
— Eu a infinita poesia
dos dobres da Ave-Maria,
dos cantos do rouxinol.

- Eu amo a lua e afago-a
com mysteriosos ardores.
- Mais a enlevam meus amores,
porque os teus braços são d'agua,
e eu abro-lhe os meus em flores.

- Os rios dão-me grinaldas
fluctuantes de nenuphâres.
- E eu das lagrimas dos ares
faço festões de esmeraldas
e saphiras nos pomares.

- Tenho as ondas desenvoltas
dos temporaes. — E eu as feras,
tigres, leões e pantheras.
- E eu tempestades revoltas.
- Eu arquejantes cratêras.

- E eu tenho os meus horizontes
rasgados, amplos, abertos.
- E eu a extensão dos desertos
e os topos brancos dos montes
de neve eterna cobertos.

— Eu tenho os gelos polares.
— E eu tenho as neves alpinas.
— E eu tenho as perolas finas
nos meus profundos algares
cavados em corallinas.

— Pois eu tenho, scintillantes,
como lascas de uma estrella,
as gemmas dos meus diamantes;
mas tenho coisa mais bella!
Uns bellos olhos amantes! —

bibRIA

Calou-se o mar tristemente.

Mas cada vaga suspensa
mirava a terra, fremente
d'aquella anciedade immensa,
que faz tremer! De repente

Diz o mar com arreganho:

— Eu tenho essas ondas; vence-as —
Na terra um silencio extranho!!!
N'esse momento Vossencias
entravam todas no banho.

AGUARELLA

bibRIA

A Jayme de Seguíer

Vê-se d'aqui o mar todo
em purpura. Um rouxinol
canta alli de um certo modo
vendo o mar pegado ao sol.

E eu extatico de pasmo
fitando o infinito mar,
sinto no meu entusiasmo
que sou pintor, vou pintar.

E vou pintar o abandono
d'aquelle *coucher du roi*;
pintal'o a cahir com somno
e a espreguiçar-se acolá.

Atirando sobre o leito
o rubro manto real,
como faz qualquer sujeito
ao seu capote, tal qual.

E encaixando burguezmente
o barrete de dormir,
de que a estrella do occidente
é borla a tremeluzir.

E emquanto os mares profundos
não começam a arquejar,
quando esse rei de mil mundos
entre a roupa resonar.

Emquanto não vejo pelas
altas trapeiras dos céos
as *coquetes* das estrellas
a namorar, valha-as Deus.

Emquanto não vem a lua
velar o somno real,
guarda-nocturno da rua
cruzando o azul sideral.

Pintemos. Venham as tintas,
phantasia; já se vê,
d'aquellas com que tu pintas
no teu doirado *atelier*.

Que desgraça! A phantasia
pensou tudo sem pensar
que entretanto anoitecia.
Lá vem a lua a rondar.

Lá vem de lanterna ao peito
pelo largo azul dos céos.
Não me julgue ella suspeito...
é melhor safar-me. Adeus.

Março de 1882.

A CRUZ

A D. Antonio Ayres de Gouveia
tendo-lhe ouvido na Grania o seu magnifico sermão
á exaltação da cruz

bibRIA

A cruz a destacar no firmamento
ao cimo das ladeiras, d'esta vida
a um tempo é guarda, arrimo, ensinamento
e guia da esperança mais querida.

Seguindo-lhe uma linha o pensamento
vae caminho da terra promettida,
á outra, se lh'a segue, n'um momento
vê-lhe a terra nos braços abrangida.

E por isso o viajor a cada passo,
ou que já desça ou que inda suba a serra,
encontra sempre a sombra do seu braço;

e ha cruz por isso em quanto a vida encerra;
nem póde a idéa percorrer a terra
sem outra idéa a transcender o espaço.

Setembro de 1877.

bibRIA

PIEDADE

No album da Senhora D. Piedade Cordeiro
esposa do illustre poeta Xavier Rodrigues Cordeiro

bibRIA

Nem missa, nem um rosario...

Embora o sino se quebre,
venha a terra o campanario,
esta igreja tem vigario,
o vigario que celebre.

Eu digo missa, é verdade,
mas tenho a minha capella.
Não é de graça que elle ha-de
ser prior da Piedade...
Não se collasse... Óra aquella!

Nem nos faltava mais nada!
Para nós o sacrificio
e para elle a consoada
e as congruas do beneficio!...
O padre da vida airada!...

Só no domingo diz missa
e quer o povo contente!...
sempre vê coisas a gente!
Mande ao demonio a preguiça,
diga missa permanente.

Por isso tem o proveito,
o folar, amendoas, flores...
muita somma de confeito...
Sem falarmos a respeito
de outros benesses melhores.

Isto, deveras, contrista!
Eu na vez d'elle, óra veja!
bastava ver um sacrista
a rondar-me pela igreja,
punha-lhe os ossos á vista.

Eu lá na minha capella
digo a missa e quando posso
faço as rezas no altar d'ella,
mas ninguem mais, á cautela,
lá me reza um *padre nosso*.

Póde ser que vos não quadre
este meu tom tão severo...
Senhora, o meu desespero
é somente contra o padre
e é só por honra do clero.

Porque a vós e ao vosso templo
tanto eu venero, senhora,
que até, por humilde exemplo,
beijo a lagea, vou-me embora
e lá de fóra o contemplo.

Espinho, setembro de 1877.

DÔR EMBALADA

De François Coppée

biblioteca

Deixei-te semelhante ao cedro fulminado
e venho-te encontrar casado e pai agora!
Comtudo n'essa fronte a arder em febre, outr'ora
um cano de pistolla esteve já collado.

Porque tu já sentiste, has-de inda estar lembrado,
a vibora infernal, que mata em meia hora,
lançar-te pelo sangue a chamma que devora
um grande coração vilmente atraído.

E debalde pediste a paz do esquecimento
aos tumultos da orgia, á luz, ao ar, ao vento,
a tudo o que tem som, a tudo o que tem brilho!

Quem soube adormecer-te os mares da existência?
— Ó solitario, foi a placida cadencia
do embalar de um berço, o berço do meu filho.

bibRIA

OS ANNOS DA PRINCEZA

A Senhora D. Anna de Bragança
hoje Condessa de Bretiandos

bibRIA

Corre ahi que vossa alteza
fez mais um anno! pois creia,
permitta-me esta franqueza,
que teve uma triste idéa;
lá isso teve, princeza.

Ainda se fosse um dia
por distracção, comprehendendo;
até eu mesmo o' faria:
mas um anno! Eu cá m'entendo
e n'essa é que eu não cahia.

Olhe, eu nunca fiz a idade...
Ella é que a mim me tem feito
e, seja dita a verdade,
com pasmosa brevidade,
mas com muito pouco geito.

Ora quanto mais depressa
ella nos faça, está visto,
tanto mais cedo começa
a desfazer-nos; por isto,
princeza, não caia n'essa!

A idade é muito impostora;
em quanto nos faz, sorri-se
meiga, linda, seductora,
mas depois, minha senhora,
ao desfazer-nos, se a visse!...

Olhe, a minha tambem era
encantada e caprichosa,
como as nuvens côr de rosa
das tardes da primavera,
como essas tardes, formosa.

E era lago somnolento
aonde a rumura aragem
levava tremula imagem
a boiar no firmamento
da constellada miragem.

Mas da bella feiticeira
resta apenas o feitiço,
que no descer da ladeira
vae talhando a cabelleira
e armando um dente postico.

Ha dias, uma menina
de tão rara formosura
que mais parece divina,
do que simples creatura,
fez-me valsar; que imagina?

Entra o demonio da idade
a rir-se, aquella maldicta,
e a chamar-me avô catita,
reliquia da antiguidade
e muita coisa exquisita.

De raiva, fiz-me vermelho
e parti como um foguete
em provas de não ser velho...
N'isto uma dôr no joelho
e eu de costas no tapete!!

Ora veja! E vossa alteza,
que é toda esbelta e elegante,
tambem lá para ao deante
póde já ter a certeza
de ter assim muito instante.

Essa gazella tão esquiva,
tão gentil e tão graciosa,
ha-de um dia vagarosa
passar triste e pensativa
na floresta silenciosa.

Ao transpor na vida o cume
volte-se a ver-lhe os enganos,
verá no que se resume
esse pessimo costume,
que apanhou de fazer annos.

Que em verdade, vossa alteza
faz annos com certa graça,
mesmo talento, viveza!...
E, se gosta, com certeza
lhe não digo que os não faça.

Não é prudente, comtudo,
se é vocação e acredito,
acho um futuro bonito
e talvez com mais estudo
chegue a fazer o infinito.

Princeza, emfim, se é verdade
que ama as tendencias tyrannas
e os despotismos da idade,
ame os *annos* á vontade,
que eu por mim prefiro as *annas*.

Lisboa, 13 de julho de 1875.

TELEGRAMMA-SONETO

bibRIA

(Num album)

ENDEREÇO

{ A junta lyrica — Empyreó —
No Bairro Azul Sideral.
Boulevard do Branco Lirio
Palacio do Madrigal.

Eu tenho escrever agora
album especialidade.
Não posso banalidade.
Dona distincta senhora.

Alma artistica — Adora
filhinho tenra idade.
Peço idéa encantadora.
Dê resposta brevidade.

RESPOSTA

—

biblic
ENDERECO

Lisboa — Largo Borralha
Palacio da *escola velha*.
Ao poeta da *Mantilha*
que ainda ao cair da folha
quando vê rolas, arrulha.

Abuso corda faceta
trazes estro fóra trilho.
Se ella é mãe, qualquer poeta

sabe que estrella mais brilho
não ha todo azul sem meta
que simples olhar do filho.

—

AGUIAS E ANDORINHAS

bibRIA

A Guerra Junqueiro

Minha musa, por quem? Responde n'um só verso.

Que norte ousas fitar em teu destino errante
n'um mar, que viu passar Camões, Homero e Dante?
— «Eu sou por quanto é bello e grande no universo.

«Bem sei, mal póde a vista, ó poeta, acompanhar-te,
«mas, eu perto e tu longe, iremos todavia,
«iremos, igualmente á luz do mesmo dia;
«que é, como o sol no mar, a luz do ideal na arte.

«É louca essa andorinha ahí constantemente
«rez-vez do lago a ver-se ao espelho azul dos ares...
«mas a andorinha póde atravessar os mares
«e, como as aguias, ir ao outro continente...

«Por isso eu não desprezo os circulos ethereos
«das azas de setim das loucas vagabundas,
«se as vejo resvalar aonde tu profundas
«quebrando o espelho azul, sondando-lhe os mysterios.

«O sol peninsular talvez que n'isto influa:
«prefiro o simples rhythm, a que me affiz nos campos,
«onde a tradição vaga e vagam... *pyrilampos*...
«Sympathias, eu sei, como *as do mar e a lua*.

«Mas dessem-me tambem a realçada tunica,
«que ao teu gracioso vulto a mão d'um genio cinge,
«e abraçáras a irmã da desleixada stringe,
«que é filha, como tu, d'uma poesia unica.

«Unica, sim, porquê do mesmo sol dimana
«a vida, que animou de polo a polo a esphera,
«que em Lusiadas sae aqui n'uma cratera,
«na Odysséa n'outra e n'outra em Ramayana.

«Não tapa a clematite a porta da officina...

«nem quebram o vigor do braço, que trabalha,

«o cheiro do lilaz no fumo da fornalha,

«um pouco de crystal entre os filões da mina.

«Ahi por alto mar e com derrota varia

«cruzam na mesma vaga e vão da mesma terra

«a negra chaminé do monitor de guerra

«e o barco pescador da vela solitaria.

«Na America onde ferve um sangue ardente e joven

«vês o Amazonas só mas n'esse olhar abranges

«a Victoria Reginae e palmeiras d'um Ganges.

«Couberam n'uma éra um Hegel e um Beethoven.

«Sobre o musgo é que a Daphne estende a flor e a rama,

«alvejam-lhe por cima as humidas magnolias

«e a fresca viração vem docemente e bole-as

«a todas n'um só beijo e em todas se embalsâma.

«Onde a Araponga geme, anda o rugir das feras...

«A vaga estoira a rocha onde uma fonte dorme...

«mas não se perde um som n'esse concerto enorme,

«em que dizem ao Deus «*Vivemos*» as espheras.

Por tanto, se te apraz á idéa destemida

«nadar para o porvir nas ondas revoltosas
«e te estorvam na lida esses festões de rosas,
«que a todos deita abril no rio d'esta vida,

«Mergulhador sublime, engolfa-te nas vagas;

«é bello, é grande, sim! Fosse eu onde tu fores;
«mas surge d'hora a hora entre as fluctuantes flores,
«respira e mostra a alguma as perolas, que tragas.

«E, se uma folha adhere á rosa, que fluctua,

«não escarneças *d'ella* ou *d'ellas*, porque, em summa,
«quem sabe se alli anda a fluctuar alguma,
«que um dia venha a ser, folha sem rosa, a tua?»

Lisboa, 12 de abril de 1878.

CALDERON

bib̄RIA

A HESPANHA

Se alguém contempla a cordilheira immensa
d'essas tristes montanhas compassadas,
montões de tempo, os seculos... e pensa
em sondar-lhe as origens apartadas,

a espaços, como esferas inflammadas,
que tombassem da abobada suspensa,
uns focos a rasgar na treva densa
lhe assignam as mais longes cumiadas.

São luzeiros do tempo, são diamantes,
que um tempo de outro tempo desentranha
depois de os lapidar nos seus instantes.

Por isso te illumina luz tamanha,
tu, que n'um seculo somente, Hespanha,
tens *Vega e Calderon* e o teu *Cervantes*.

II

bibRIA

NEM SEMPRE É SONHO

Dizem que a vida é simplesmente um fio,
um sonho fugitivo, um sopro, um ai!
Folha, que passa a fluctuar n'um rio,
que entre os vai-vens do mundo vem e vai.

Mas outro sôpro ás vezes vem, que agita
as cinzas que o sepulcro já contem...
Resurge a vida então, vida infinita,
que entre os vai-vens do mundo vai e vem.

Maio 27 de 1881.

BOTÃO DE ROSA

À Senhora Condessa da Ribeira Grande
no segundo anniversario de sua filha.

biblioteca

Quando fores rosa um dia,
meu pequenino botão,
doce enlevo e sympathia
da matinal viração;

paga á roseira amorosa
tanto amor, paga-lh'o bem,
que a roseira para a rosa
tem uns extremos de mãe.

Quando, ó concha pequenina,
que na espuma á praia vens,
surgir a perola fina,
que no teu seio contens,

não abandones sosinha
a areia, que a praia tem,
que a areia para a conchinha
tem uns cuidados de mãe.

Quando, ó estrella de luz tua
todo o azul se illuminar,
como nas noites de lua
se enche um lago de luar;

meteóro de um momento
não vás pelos céos alem,
que os astros e o firmamento
são como filhos e mãe.

Quando, implume passarinho,
um dia abrires emfim
entre os dois ramos do ninho
duas azas de setim,

em quanto o ninho não tomba,
nunca o deixes, olha bem,
que o melhor ninho da pomba
foram as azas da mãe.

Novembro 30 de 1875.

bibRIA

AS CREANÇAS

A minha irmã Viscondessa de Aguiára

biblioteca

Eu tenho a sympathia das creanças...

A vida é toda triste, é noite negra,
que um só raio de luz encanta e alegre
— ellas — que são auroras e esperanças.

É falso tudo o mais, tudo mentira.

Prazer existe, mas não ha ventura,
a não ser no infinito de ternura
do immenso amor, que uma creança inspira.

Na minha solidão é quasi um crime
descobrir de uma nuvem de tristeza
a estrella de mais luz e mais grandeza,
que tem o coração, e a mais sublime.

Um crime sim, mas crime, que se expia
sentindo o coração de fibra em fibra,
a cada nota que essa corda vibra,
quebrar-lhe em ais as ondas de alegria.

Porque esta corda apenas desferida
por invisíveis dedos pequeninos,
por isso mesmo que tem sons divinos,
tem sons crueis na solidão da vida.

É que á hora em que todos têm um ninho,
uma mulher, um filho e um paraíso
em cada beijo seu, cada sorriso,
encontre-me na vida eu sosinho.

E sinto o coração como vincado
pela oppressão constante d'esta idéa,
que é bem o anel de ferro da cadeia,
que esmaga e morde o pulso ao condemnado.

Vingo-me então, tristonho solitario,
amando doidamente as creancinhas,
do immenso amor, com que amaria as minhas,
as pombas do meu lar imaginario.

É que a alma é uma roseira. Estes amores
eram rosas d'abril. Agora é tarde
para que alguém as queira e colha e guarde,
e os que a sacodem, cobrem-se de flores.

Por isso é que eu sou doido por creanças
e acho que a vida é triste noite negra,
que um só raio de luz encanta e alegre
— ellas — que são auroras e esperanças.

Janeiro de 1882.

PEROLA NEGRA

A Luiz Guimarães Junior

bibRIA

Quebraram-te o diamante, que engastaste
em ti mesmo, e quebraram-te metade
fazendo-te, alma d'oiro, o triste engaste
d'essa perola negra da saudade.

Pobre alma espedaçada, a tempestade
levou-te a flor, ó mutilada haste,
a flor, a vida, tudo, e tu ficaste
fitando tristemente a immensidade.

Ficaste, como o mastro, que nos mares
surge das ondas, que lhe têm no seio
o esquife, a que está preso, até quebrares.

Ai! foge, tens razão, foge da terra,
que só se abriu para engulir-te em meio
amarrado á metade, que ella encerra.

Lisboa, 20 de maio de 1882.

bibRIA

INVENIT

bibRIA

Immovel; o olhar ardente;
queixo fincado no peito;
o beijo um pouco pendente
sob um dos dedos direito...

«Este sujeito, é evidente,
disse eu logo, este sujeito
tem por força um plano em mente
muito grave!» Com effeito,

passados instantes vi-o
de olho sempre nas janellas
approximar-se do rio...

Sentar-se e, sem mais *aquellas*,
fazer do bibe tres velas
e do chapéo um navio.

Junho 8 de 1882.

bibRIA

A VENUS DE SAXE

—
bibRIA
I

Abriu-se a grande sala illuminada *a giorno*
e apenas lanço a vista áquellas obras de arte,
parei na multidão, que me fluctuava em torno.
Ao pé de um *Bronze Antigo*, a estatua de uma Astarte,

uma Venus, *de Saxe*, a dar um beijo em Marte,
estonteada talvez d'aquelle ambiente morno
no abraço do seu deus, parece que se parte
na curva sensual, quebrada do contorno.

Que immensa perfeição! que formosura aquella!

Até ciumes tive e raiva a toda a gente,
que a poderia ver n'essa nudez tão bella,

e ao voluptuoso deus, que a cinge ao peito, ardente!

Mas, Venus me perdoe, ao vê-la eu simplesmente
tinha estado a sonhar como seria — *Ella* —.

bibRIA

Deixando então de olhar a olympica deidade,

quiz ver alguém bonito. Ás vezes não desgosto
de espairecer o olhar a ver um lindo rosto.

Faz-me isso bem á vista e ao espirito; é verdade.

Os olhos querem luz. Por isso é que ha saudade,
por isso é que ha tristeza ás horas do sol posto
e se contempla á noite assim com certo gosto
uma estrella qualquer rasgando a escuridade.

Mas, quando o sol desponta, é d'elle o firmamento,
e aos luzeiros da noite illuminada e bella
parece que de um sôpro os apagára o vento.

Eu estava a ver, não sei se apenas uma estrella,
se uma constellação... sei só, que n'um momento
vi deserto o salão!... Voltei-me... Entrava *Ella*.

Lisboa, 1882.

bibRIA

NOTAS

bibRIA

bibRIA

JOANNINHA — Pag. 43

Quanto a bondade, a intelligencia, a formosura, a graça, e a meiguice podem dar de mais fascinante á sympathia de uma creança tudo a ella lhe realçava o encanto. Era por isso devéras extraordinaria a sympathia da encantadora creança e tambem, como ella, as affeições, que inspirava, de que a morte tão depressa fez saudades. Era a mãe o seu grande amor, seu *tudo*; não a deixava um momento, não podia; presentida, quem sabe, de que bem cedo tinha de a deixar para sempre, não podia.

Aos sete annos e meio morreu de uma meningite depois de nove dias de soffrimento, cuja descripção é verdadeiramente impossivel.

Na triste historia dos seus ultimos dias vão em italico palavras e phrases suas. E por mais inverosimeis que pareçam, fomos, se bem me lembro, sete ou oito pessoas ao ouvir-lhe aquellas palavras do seu delirio, que textualmente transcrevo.

Depois has de ir á janella; vê-se uma estrella bonita muito bonita, que arde de noite e de dia. É a claridade dos olhos. É o retrato d'ella, etc.

AS DUAS MAIAS — Pag. 109

Tendo-me Luiz Guimarães Junior offerecido o seu esplendido livro *Sonetos e Rimas*, ousei eu (n'este soneto) offerecer ao eminente poe'a brasileiro com o meu agradecimento, que era tanto, a minha *Mantilha de Renda* que era tão pouco!

IDA (triste) — Pag. 135

Tendo de escrever no album de uma Ida, sahiu-me a composição tão demasiadamente triste, que me pareceu mais gentil tentar outra mais propria para offerta a uma senhora, que justamente muito habil é em esconder tristezas se as tem. Escrevi então no album a Ida (alegre).

FEIA — Pag. 143

A uma senhora que de feia nada tem e me pediu *uma descompostura* em verso.

COLORIDO — Pag. 145

N'um album que na pag'na fronteira tinha um primoroso desenho de Manuel Macedo, representando uma miseravel sentada no chão tendo nos braços um pequenino em quanto o outro dormia estirado no chão descansando-lhe a cabeça no regaço.

IMMORTAES — Pag. 152

Publicado n'um jornal do Porto no dia do centenario e n'esse dia recitado na festa da Classe Dramatica no theatro de D. Maria pelo grande actor João Anastacio Rosa Senior.

CAMÕES — Pag. 154

A comissão da Classe Dramatica de Lisboa encarregou-me de compôr esta poesia para ser recitada na sua festa commemorativa do grande epico e foi admiravelmente recitada pelo brilhantissimo actor José Carlos dos Santos.

LONGE — Pag. 157

Escrepta n'um album de authographos, destinado não me lembra a que archivo do Porto, foi publicada no *Diario Illustrado* em 21 de maio de 1880, apparecendo depois a mesma idéa n'um soneto publicado no dia do centenario em um jornal de Lisboa.

OS ANNOS DA PRINCEZA — Pag. 177

O poeta, assim como algumas pessoas de intimidade da illustre familia da Sr.^a D. Anna de Bragança, meio gracejando, tratavamol'a de Princeza, celebrando assim ao mesmo tempo a sua grande distincção natural, e a elevação do seu nascimento, pois que por seu pae o sr. D. Pedro de Portugal, como por sua mãe, a sr.^a duqueza de Lafões, de Principes descende com effeito esta senhora.

AGUIAS E ANDORINHAS — Pag. 184

No certame poetico de 1878 travado por Guerra Junqueiro e Luiz de Campos.

N'este verso

Sympathias, eu sei, como *as do mar e a lua*

alludo á introdução da *Morte de D. João*, um dos trechos de poesia mais grandiosamente bellos, que modernamente se tem escripto.

Á HESPAÑA — Pag. 188

Soneto recitado pelo auctor na festa que no theatro de D. Maria foi realisada por iniciativa da imprensa e escriptores portuguezes em honra da Hespanha no centenario do seu grande poeta dramatico Calderon de la Barca.

NEM SEMPRE É SONHO — Pag. 188

Brilhantemente recitada pela eminente actriz Virginia na mesma festa.

PEROLA NEGRA — Pag. 195

A Luiz Guimarães Junior ao partir de Lisboa, onde acabára de perder sua esposa.

bibRIA

INDICE

bibRIA

Impromptu	1
A vida	5
Crepusculos	7
Uns pésinhos	10
As creches	15
A miseria	17
Recordação	29
Isso não	31
Aurora	34
Myosotis	35
Receios	37

Joanninha	42
Porque não ri?	60
Ilusão.	62
Camelia	64
Nunca mais	66
No infinito	68
Céo e mar	82
No serão	84
Se me lembro!	89
O drama da cazuarina	92
Desalento	98
Culto dos mortos.	99
Extremos	107
As duas malias	109
Penas	111
Guída	114
Cortinas.	117
Hontem	120
Pobre mãe	122
Transmigração	124
Ida (triste)	130
Ida (alegre)	135
A faca do bandido	138
Feia	140
Eugenia	143
Colorido.	145
Partida de Quino.	147

Tri-centenario de Camões:

I Immortaes	152
II Camões	154
III Longe	157
IV No mar	158
Mãe	161
Um duello	163
Aguarella	167
A Cruz	170
Piedade	172
Dôr embalada (traducção)	175
Os annos da Princeza	177
Telegramma-soneto	182
Aguias e andorinhas	184
Calderon:	
I À Hespanha	188
II Nem sempre é sonho	189
Botão de rosa	190
As creanças	193
Perola negra	196
Invenit	198
A Venus <i>de Saxe</i>	200

Notas	203
-----------------	-----



LIVRARIA
MANUEL FERREIRA
ALFARRABISTA
PORTO · PORTUGAL

bibRIA

D-7
821

MOCIDADES
bibRIA

FERNANDO CALDEIRA

MOCIDADES

SEGUNDA EDIÇÃO

PREFACIADA POR D. JOÃO DA CAMARA

bibRIA



LISBOA

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.^a, EDITORES

186, Rua Aurea, 188

1903

ABRANGE ESTA EDIÇÃO
MIL EXEMPLARES EM PAPEL VELINO
E DEZ EM PAPEL WHATMAN.

bibRIA

CA PROPOSITO

D'ESTE LIVRO

Fosse vivo Fernando Caldeira, e as poesias dos sessenta annos, com que havia de completar este seu volume, caberiam n'elle tão cheirosas a violetas, tão cheias de luz de aurora, tão frescamente orvalhadas, como os madrigaes que elle, ha vinte e cinco annos, recitava, de sorriso nos labios, d'olhos franzidos pelo sorriso, com gestos finos de sua mão enluvada.

Uma suavissima ironia, de que o poeta colhia apenas a flor, perfuma-lhe os versos, e até lhes dá por vezes o encanto do inesperado. Haja vista a quintilha com que principia o madrigal «*Porque não ri?*»

*Eu comparo á immensidade
melancolica do mar
a tristeza d'esse olhar
e a sua profundidade!
Inda bem que sei nadar.*

Era assim seu feitio, o que dizer não quer que em sua alma aberta a todas as ternuras e em que todo sentimento florescia espontaneo e puro como lyrios n'um valle abençoado, não se engastassem lagrimas com que elle cantou saudades de Joanninha e Guida e com que chorou estes primorosos versos:

*Mas quem me dera a mim achar no vento
em horas de saudade, em horas tristes,
um pó, que fosse vosso, um só momento,
folhas do tempo, que a voar fugistes.*

Mas Fernando Caldeira não era apenas poeta; tinha na vida sua philosophia. Longe do viver bohemio de muitos de seus amigos, afastado da politica e gloriosamente isolado no partido constituinte, não deixou voar seus ideaes para além d'um horizonte attingivel, e assim viveu feliz poetando, cantando a primavera e as mulheres bonitas, amando com todo seu coração as manhãs de sol e as creanças.

Ainda que pudesse voar mais alto, não queria. Se por vezes, distrahido do que a si mesmo impuzera, deixava para além das nuvens doiradas esvoaçar o pensamento, logo a tréla recolhia, e as palmas que lhe davam os que lhe ouviam recitar *Os Pésinhos*, *Penas* ou *Um Duello* compensavam-o da canceira.

Bem se descreveu elle no endereço do *Telegramma-Soneto*.

*Lisboa Largo Borralha,
Palacio da escola velha.
Ao poeta da Mantilha,
que, ainda ao cahir da folha,
quando vê rolas, arrulha.*

Perdiam-se-lhe as brancas, que ninguem lh'as via, nos cabellos da barba loira; assim tambem o sol que dentro em sua alma lhe brilhava, desvanecia nevoeiros que de fundos reconditos subir quizessem.

Na casa de Bemfica onde expirou, entre jardins sobranceiros á estrada, já fraco, custando-lhe a conversar, ainda me falou do ar puro, do azul sem mancha, do aroma das flores que penetrava pela janella, n'aquelle dia de esplendido inverno, que o céo, amigo dos poetas, concedia a quem não mais havia de ver a primavera.

A morte já ali estava á suailharga, e elle sorria para a vida, e falava-me da *Madrugada*, a sua peça mais valida porque era a ultima.

N'ella deixou o melhor de seu fétio poetico; escreveu-a de casaca e luvas brancas, e, de principio ao fim, fel-a rosario alegre de madrigaes á mocidade em flor e aos sentimentaes velhinhos, botões que abrem preciosos ao primeiro alvor e que elle colhia, ancioso, antes que o sol viesse requeimal-os ou esfolhal-os o vento sul.

Falar de Fernando Caldeira é recordar sorrisos, eis o elogio do poeta; mas uma lagrima de saudade vem os olhos humedecer dos amigos, e eis o elogio do homem.

João da Camara.

Para
commemorar solennemente o 323º anniversario
do passamento de Luiz de Camões
acabou de imprimir-se este livro
em Lisboa
na Typographia Castro Irmão
aos 10 de Junho
de 1903